

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XX — N^{os.} 11 e 12
Novembro e Dezembro de 1979

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Germer Industrial S. A. — Timbó
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.- Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XX

Novembro e Dezembro de 1979

Nrs. 11/12

— S U M Á R I O —

Página

SUBSIDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	302
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	307
HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO TRENTINA A RIO DOS CEDROS	310
FIGURAS DO PASSADO	313
RETALHOS HISTÓRICOS	315
DR. AFONSO RABE E O HOSPITAL SANTO ANTÔNIO	317
RIO DO SUL HÁ 100 ANOS	320
ACONTECEU... Outubro de 1979	322
A NOVA COLÔNIA DE RIO DO SUL NO ANO DE 1908	326
SUBSIDIOS HISTÓRICOS	328
HISTÓRICO SOBRE O ABASTECIMENTO DE ÁGUA	329
A ESCOLA PAROQUIAL	333
ESTANTE CATARINENSE	341

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 10,00 -- Atrasado Cr\$ 20,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 120,00 mais o porte Cr\$ 130,00 total Cr\$ 250,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Ilustra a capa do presente número, a foto do garboso vapor “Blumenau I”, quando, nos seus melhores anos de notáveis serviços prestados no transporte de cargas e passageiros, causava agradável sensação aos blumenauenses com sua chegada ao cais do porto, procedente de Itajaí. Bons tempos em que não havia pressa, não havia problema de combustível e todos viajavam...

Subsídios à Crônica de Blumenau

NOTAS LOCAIS

(Excertos do "Blumenauer Zeitung" do "Der Urwaldsbote")

Por Frederico Kilian

ASSALTO DE BUGRES. Ainda sobre assaltos de bugres, o jornal local "Der Urwaldsbote" edições do ano de 1904, traz os seguintes relatos e notas:

Nº. 40 DE 2.5.1904. Dia 13 de março os bugres irromperam pouco acima de Aquidaben (hoje Apiúna) na entrada de Vargem Grande e feriram com flechadas uma mula e uma vaca, pertencentes a um colono italiano.

Nº. 41 de 9.5.1904. Segundo dia de páscoa (4 de abril) os bugres irromperam na localidade de Fundos Warnow, cerca de 2 horas distantes da localidade de Warnow e saquearam as residências de 9 colonos (7 poloneses e 2 alemães) levando tudo que acharam nas respectivas moradias.

O assalto ocorreu quando aqueles moradores estavam assistindo a missa em Warnow, de forma que não houve vítimas de pessoas. Os bugres chegaram também perto do moinho do Sr. Rapczinski, mas não o saquearam, porque os homens que ali estavam os afugentaram a tiros de espingarda. Uma perseguição que posteriormente foi organizada não deu resultado.

Dia seguinte o intendente de Indaial, sr. Struve, em companhia do sub-delegado sr. Metzner e mais alguns colonos se dirigiram ao local do saque para averiguar o montante do estrago e prejuízos. No caminho lhes veio ao encontro o colono Carlos Haut e contou que agora mesmo os bugres lhe roubaram todos os porcos do estábulo. Indo todos à propriedade do Sr. Haut, encontraram todos os chiqueiros vazios e manchados de sangue, vendo ainda pegadas dos bugres ao redor do chiqueiro. Mais adiante, à beira do ribeirão, encontraram num rancho ainda uma lareira quente e os restos de três porcos assados. Na mesma noite ainda o "guarda do mato", Carlos Rauh com alguns homens encetaram a perseguição dos bugres, para os afugentar e reaver os objetos roubados, mas nada conseguiram. As 9 famílias ficaram na completa miséria, pois salvaram apenas as roupas que tinham no corpo quando estavam na missa. Foi logo iniciada uma campanha de auxílio às vítimas e apelado à população para doarem roupas e ferramentas, utensílios de cozinha, etc.

Nº. 46 DE 14.5.1904. Sobre esta perseguição aos bugres, por parte da turma que entrou no mato na localidade de Vargem Grande, chegou a notícia que a turma, chefiada por José Bento, apareceu no Rio do Sul, tendo se encontrado no mato com os bugres. Dos homens da turma um foi ferido e quanto à perda por parte dos índios,

nada foi relatado. Conforme consta, José Bento trouxe algumas crianças ao sair do mato.

URW. N.º 46 DE 14.5.1904. Também em Brusque os bugres se manifestaram. O Superintendente, Sr. Carlos Renaux, comunicou ao governo do Estado, que no dia 1.º de Maio um bando de bugres desceu do Alto Garcia e se dirigiu em direção ao Ribeirão das Areias, na antiga colônia militar. No Pouso da Caixa, pouco abaixo da propriedade do Sr. Leopoldo Knoblauch (Pouso Redondo) os bugres irromperam no começo da semana (9 de maio) e atacaram uma tropa de gado que vinha descendo a serra. Várias cabeças de gado foram mortas e dos homens que conduziam a tropa, foi gravemente ferido o Sr. Richard Encke, filho do nosso amigo Gottlieb Encke, achando-se em perigo de vida. A estrada da serra está quase fechada pela capoeira de ambos os lados, de forma que os bugres facilmente podem se esconder bem à beira da estrada e ali ficar de tocaia.

•

Da coleção do jornal "Blumenauer Zeitung" do ano de 1906, extraímos as seguintes notas sobre assaltos de bugres naquele período:

Bl. Ztg. N.º 7 de 17.2.1906. No dia 24 de fevereiro de 1906 os bugres assaltaram, pouco abaixo de Pouso Redondo (local preferido para assaltos) uma tropa de lageanos, ferindo 3 homens, dos quais 1 gravemente. Sabe-se que um numeroso grupo de índios "coroados" veio do Paraná e teme-se que estes assaltos se repetirão em represália às últimas investidas dos brancos que causaram consideráveis perdas aos bugres. Se uma nova incursão dos brancos em perseguição dos bugres terá novos êxitos, é duvidoso, pois os bugres certamente estarão mais precavidos e não se deixarão surpreender no mato.

N.º 8 de 24.2.1906. Dos lageanos assaltados pelos bugres abaixo de Pouso Redondo, 2 vieram a falecer. Somente com a contratação e incursão no mato, de um grupo adequado de "batedores do mato" nas zonas infestadas pelos índios (diz o jornal) é que se pode evitar os assaltos às casas dos colonos, porém o Governo nenhuma providência tem tomado em atendimento às reclamações gerais dos colonos.

N.º 43 de 27.10.1906 — Dia 23 de outubro de 1906 os bugres irromperam novamente, desta vez no Ribeirão Scharlach, colônia Hansa. Ao que parece, desde que foram roçadas as capoeiras de ambos os lados da Estrada da Serra, dificultando assim os bugres de agir de tocaia, os bugres transferiram seu campo de ação para a zona da colônia da Hansa, e relata o N.º 44 de 3.11.1906 do Bl. Ztg. que um novo ataque dos bugres no Ribeirão Scharlach causou temor e insegurança entre os colonos daquela zona. Os bugres assaltaram a propriedade do Sr. Krause, matando uma filha deste, aproveitando-se da ausência do Sr. Krause saqueando toda a casa a bel prazer, ferindo outras crianças.

Já em Agosto de 1906, conforme noticiou o Bl. Ztg. N.º. 33 de 18.8, os bugres apareceram novamente em Pouso Redondo, onde mataram e carnearam um cavalo do Sr. August Petters.

Bl. Ztg. N.º. 52 DE 29.12.1906. Conforme telegrama enviado pelo Sr. Leopoldo Knoblauch de Pouso Redondo, o “caçador de bugres” Martinho chegou àquela localidade no dia 26 de Dezembro, voltando de uma incursão ao acampamento dos bugres, onde houve sangrentas lutas, nas quais Martinho perdeu um dos seus homens, cujo corpo trouxe junto e foi sepultado em Pouso Redondo, tendo ficado ferido outro companheiro de Martinho. Martinho trouxe como prisioneiro 10 silvícolas, sendo 2 mulheres, cinco meninas, todos da tribo dos “coroados” e três rapazes da tribo dos “botocudos”, bem como algumas armas, flechas, etc. — A turma de Martinho era composta de 25 homens e eles estimam o grupo dos índios em mais de 200, pois no acampamento contaram 199 lareiras e ranchos.

Bl. Ztg. N.º. 1 DE 5.1.1907. Sábado dia 29 de Dezembro chegaram a Blumenau as duas mulheres índias e crianças capturadas pelo “bugreiro” Martinho, as quais foram alojadas provisoriamente numa dependência anexa ao convento dos padres franciscanos. Aqui os recém-chegados foram apresentados às outras crianças silvícolas capturadas há um ano atrás e que estavam sendo criadas e educadas nas diversas famílias de Blumenau. Estas crianças reconheceram logo as outras, olhando-as com curiosidade e algum receio. Entre as capturadas achava-se uma menina que foi identificada e reconhecida pela menina bugra acolhida há um ano atrás por Paulo Zimmermann, como sendo a sua irmã. Mas no mais as já civilizadas demonstravam-se receiosas perante as outras designando-as como bugres selvagens, o que não queriam mais ser. Como já foi mencionado o grupo capturado consistia em 2 mulheres, 5 meninas e 3 rapazes, pertencendo àquelas à tribo dos coroados e estes, como prisioneiros daqueles, à tribo dos “botocudos”. Nesta incursão Martinho trouxe ainda a Blumenau 25 flechas, 3 arcos, 6 lanças e outras miudezas. Devido as dificuldades a vencer com o transporte dos prisioneiros para fora do mato, onde ainda foram seguidos pelos bugres e ainda ter que transportar o cadáver do companheiro morto, não foi possível trazer mais armas e para não deixá-las para os bugres, Martinho e seus homens as amontoaram e queimaram no local. O regresso da turma de Martinho foi cheio de obstáculos e empecilhos, pois tiveram, na travessia pelo mato, que escalar montanhas íngremes, transpor rios e enfrentar, além de chuvas com granizo, nos 2 dias e meio que levaram para sair do mato, o perigo de um revide dos bugres, pelo que foi preciso tomar o máximo de cuidado para não cair numa cilada. Esta caminhada pelo mato, na qual ainda levavam o corpo do companheiro morto e cuidar dos prisioneiros, durou dois dias e meio até chegar à localidade de Pouso Redondo, onde fizeram a primeira parada em todo o seu decurso, para descanso, sepultando ali o camarada morto.

Bl. Ztg. N.º. 4 DE 26.1.1907. O Sr. Augusto Zittlow, inspetor das linhas telegráficas, recebeu um telegrama no dia 21 de janeiro, comunicando que os bugres irromperam novamente abaixo da serra e saquearam as casas do Sr. Miguel Ilhéus e dos seus dois genros, levando todos os pertences destes 3 casais, os quais tiveram que fugir com seus 5 filhos, salvando apenas as suas vidas. Os bugres levaram todas as roupas, cobertores, ferramentas e trens de cosinha, estragando os móveis e o que não puderam levar. Entrementes chegou aqui o senhor José Bernardino da Silva — relata o jornal — com ordem do governo de catequizar os índios. Ele pretende fundar uma colônia ou vila indígena nas imediações de Pombas, para o que, por determinação do governo levou consigo as duas mulheres e uma criança da tribo dos “coroados”, recém-capturadas, para o local onde pretende fixar os bugres numa aldeia catequizante. Fatos posteriores demonstraram que o empreendimento dos Sr. José Bernardino da Silva foi um fracasso.

Bl. Ztg. N.º. 5 de 2.2.1907. O Sr. Bernardino da Silva, não querendo tornar muito cansativa a viagem das duas mulheres bugras que com a criança viajavam a pé, resolveu fazer somente pequenas jornadas diariamente. Assim no primeiro dia foi só até à morada do Sr. Pedro Jark (o jornal não esclarece onde este senhor morava), onde as duas mulheres deveriam pernoitar num pequeno rancho de táboas. Quando no dia seguinte o Sr. Bernardino abriu o compartimento, constatou que o mesmo estava vazio e as mulheres haviam fugido. O Sr. Bernardino pretendia enviar as duas mulheres, com presentes para os bugres, e assim conseguir um contato com estes, esclarecendo aos mesmos que os brancos não são seus inimigos, mas apenas desejam paz e não serem assaltados. Agora o Sr. Bernardino pretende levar os presentes pessoalmente, para o que prosseguiu sua viagem até Pouso Redondo. Porém, para entrar em contato com os selvícolas é indispensável conhecer o idioma dos mesmos, porém o Sr. Bernardino fala apenas o português e assim consideramos que não terá êxito algum em sua tentativa de catequizar os índios.

A PONTE SOBRE O RIO DOS CEDROS, EM TIMBÓ. Para proceder a inauguração da Ponte sobre o Rio dos Cedros, em Timbó, o Governador do Estado, Cel. GUSTAVO RICHARD, chegou a Blumenau no sábado, dia 18 de Maio de 1907, acompanhado da seguinte comitiva: Cel. Pereira e Oliveira, Emilio Blum, Francisco Silva, Barroso Pereira, mais o oficial de gabinete, Elpidio Fragozo e o ajudante de ordens, tenente Euclides de Castro. No porto, em Blumenau, achavam-se à espera do ilustre visitante, as autoridades locais, os alunos da Escola Nova e da escola pública feminina, bem como grande massa popular, sendo vivamente aclamado quando o vaporzinho atracou no porto. Após os primeiros cumprimentos, todos se dirigiram ao Hotel

Holetz (onde hoje se ergue o edifício do Grande Hotel) de cuja sacada o Juiz de Direito da Comarca, Dr. Ayres Gama saudou o governador e sua comitiva, em nome do município, num belo discurso de improviso. Agradecendo a saudação o Governador Cel. Gustavo Richard disse sempre ter nutrido grande simpatia pelos imigrantes e seus descendentes, à operosidade dos quais Blumenau e o Estado deviam o seu progresso econômico, sendo Blumenau um fator positivo no erário do Estado, terminando o seu discurso, que foi muito aplaudido, com um viva a Blumenau. Domingo de manhã, dia 19 de Maio, o governador a sua comitiva, acompanhados de destacadas pessoas de Blumenau, se dirigiram à localidade de Timbó para cumprir o principal objetivo de sua viagem, ou seja a inauguração da nova ponte sobre o Rio dos Cedros, no Centro daquela localidade. Chegando a Timbó, o governador e seus acompanhantes foram carinhosamente acolhidos pela família de Frederico Donner, primeiro morador e fundador de Timbó.

Dirigindo-se então todos ao local da solenidade, o governador, no ato inaugural, prestando uma significativa homenagem à esposa do senhor Frederico Donner, a qual muito se empenhou pelo desenvolvimento da localidade, desde a sua fundação e ainda agora principalmente para que a construção da ponte fosse realizada, deu a esta obra o nome de "Ponte Clara Donner".

A construção desta ponte tem a sua história. Pois foi ela objeto de muitas polêmicas e lutas políticas, não só na localidade de Timbó, como também nas discussões da Câmara Municipal de Blumenau, entre os dois grupos, entre si divergentes, do Partido Republicano de Blumenau .

A construção da mesma foi contratada pelo então Superintendente Dr. Bonifácio da Cunha, com os empreiteiros Frederico Donner, Georg Hering e Spiess .Este contrato foi anulado pelo seu sucessor, Superintendente Alvin Schrader, pois havia uma disputa política em Timbó, sobre a localização da mesma. Em virtude deste ato, o Sr. Bonifácio Cunha, que havia prometido a seus correligionários de Timbó, a construção da ponte no local por estes indicado, dirigiu-se então, em virtude da anulação do contrato pelo novo superintendente, ao então governador Dr. Felipe Schmidt, o qual ordenou o prosseguimento da obra por conta do Estado, continuando-se assim a construção da obra, se bem com várias interrupções e paralisações nos governos de seus sucessores, Cel. Vidal Ramos e Cel. Pereira e Oliveira. Assim, muito hostilizada e combatida, a construção da ponte foi finalmente concluída no governo do Dr. Gustavo Richard, representando um decisivo fator no desenvolvimento do tráfego entre o interior do distrito de Timbó e entre esta localidade e Blumenau. O projeto da ponte foi elaborado pelo engenheiro Henrique Krohberger e sua construção concluída pelo senhor Otto Wehmuth. Dos empreiteiros acima mencionados, o Sr. Georg Hering se retirou do empreendimento e o sr. Spiess foi vítima de um acidente na construção de uma outra

ponte, de forma que toda a responsabilidade pela execução da obra ficou a cargo do Sr. Frederico Donner, que muitas vezes teve que esperar bastante pelo reembolso das despesas adiantadas com o custo dos trabalhos que iam sendo efetuados.

Aquela monumental ponte, construída de imponentes vigas de madeiras escolhidas e resistentes, coberta com um telhado de folhas de zinco, cujo aspecto dava a impressão de ter sido construída para durar séculos, foi substituída no governo de Irineu Bornhausen, e na administração municipal de Gustavo Brandes, por uma ponte de concreto armado, inaugurada em Janeiro de 1956. Os velhos moradores de Timbó, certamente ainda se lembram daquela ponte de construção característica da época e solicitamos aos leitores deste artigo, que por acaso possuírem uma fotografia desta ponte, que façam doação da mesma à Fundação "Casa Dr. Blumenau", para o seu arquivo histórico.

A História de Blumenau revela:

Hermann Bruno Otto Blumenau, além de naturalizado brasileiro, foi detentor de títulos honoríficos concedidos pelo Imperador, conforme se pode constatar dos documentos que a seguir transcrevemos e chegados dos arquivos históricos da Baixa Saxônia, na Alemanha.

(ortografia original)

"Dom Pedro por Graças de Deos e Unanime Aclamação dos Povos Imperador Constitucional e defensor Perpetuo do Brazil, como Grão Mestre da Ordem de N.S. Jesus Christo. Faço saber aos que esta Minha Carta virem que attendendo aos relevantes serviços que por ocasião do recenceamento da população da província de Santa Catharina prestou o Dr. Hermann Blumenau,

Hei por bem Nomear-o Conselheiro da dita Ordem, Pelo que lhe Mandei passar a presente a qual depois de prestado o juramento de estilo será sellada com o Sello das Armas Imperiais. Dada no Palacio do Rio de Janeiro em vinte e tres de junho de mil oito centos e setenta e cinco, quinquagesimo quarto da Independencia e do Imperio. (ass.) Imperador Pedro". —

Carta pela qual Vossa Magestade Imperial Ha por bem Nomear Conselheiro da Ordem de N. S. Jesus Christo o Dr. Hermann Blumenau como acima declara. — Para Vossa Magestade Imperial Ver. Por Decreto de 27 de janeiro de 1875. Prometteo obediencia á Sua Mages-

tade o Imperador e á Patria. Terceira Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio em 17 de julho de 1875 — O Diretor Interino A. Midasi. — Regdo. a fls. 29 do Livro competente. Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio, em 17 de julho de 1875. (ass.) Sarmiento Jor. — Nr. 4 — Pg. sessenta milréis — 60\$000 de sello. Recebida em 21 de julho de 1875 (ass.) Gamacho. Reg. Livro 1.350 — Pg. cincoenta milréis de emolumentos. Rio, 22 de julho de 1875. Certa. José Ribeiro Sarmiento Jor. a fez.”

Diploma de Comendador da Ordem da Rosa

“Dr. H. Blumenau. — Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil vos Envio muito saudar. Querendo Dar-vos um publico testemunho de Minha Imperial Consideração pelos serviços que prestastes á Comissão brasileira junto a Exposição Universal de Paris no anno de 1867: Hei por bem Nomear-vos Comendador da Ordem da Rosa. E Nosso Senhor vos Tenha em Sua Santa Guarda. Escripto no Palacio do Rio de Janeiro, em dezesseis de maio de mil oitocentos e sessenta e oito, quadregesimo setimo da Independencia e do Imperio (ass.) Imperador Pedro. José Joaquim Fernando Souza — Para o Dr. H. Blumenau”.

Carta de Naturalização

“O Doutor João José Coutinho, Commendador da Imperial Ordem da Rosa, Cavalheiro da de Christo, e Presidente da Provincia de Santa Catharina.

Faço saber aos que esta Carta de Naturalização virem, Que, attendendo a ter declarado na Camara Municipal de Porto Bello querer ser Cidadão Brasileiro o Doutor Hermann Blumenau, natural da Allemanha, solteiro, da Religião Evangelica, Colono residente na Colonia Blumenau, o reconheci em virtude do Artigo terceiro do Decreto Numero sete centos e doze de dezesseis de Setembro de mil oito centos cincoenta e trez, Cidadão Brasileiro Naturalizado, o qual gozara de todas as honras, direitos, privilegios e mais funções que pela Constituição e Leis do Imperio, são e foram concedidos aos Cidadãos Brasileiros naturalizados. Pelo que mando a todas as autoridades e subditos do Imperio e a quem mais pertencer, que reconheçam e tenham o dito Doutor Hermann Blumenau como Cidadão Brasileiro naturalizado. Em firmeza do que lhe mandei passar esta Carta de Naturalização, que sendo por mim assignada e sellada com o Selo das Armas do Imperio se cumprirá inteiramente como n'ella se contem, registrando-se na Secretaria do Governo e na Camara Municipal da Vila de Porto Bello.

Dado no Palacio do Governo da Provincia de Santa Catharina, aos dezanove dias do mez d'abril de mil oitocentos cincoenta e seis (1856). João José Coutinho”.

“Por despacho de Sua Excellencia de 18 de Abril de 1856. — O Secretario da Provincia (ass.) Manoel da Costa Pereira. — Registrada

a fls. 30 do Livro respectivo. Secretaria do Governo de Santa Catharina, 19 de Abril de 1856 (ass.) José Caetano Cardozo. — Prestou hoje juramento que lhe foi deferido pelo Exmo. Snr. Presidente da Provincia — Secretaria do Governo de Sta. Catharina, 26 d'Abril de 1856 (ass.) Manoel da Costa Pereira.”

TERMO DE CONTRATO ASSINADO ENTRE O FUNDADOR E O IMPÉRIO, REVELAM TER SIDO BASTANTE RIGOROSAS AS EXIGÊNCIAS ESTABELECIDAS PELO GOVERNO IMPERIAL PARA QUE O DR. BLUMENAU CONCRETIZASSE SEUS OBJETIVOS

Dos documentos recém-chegados da Alemanha, encontramos a cópia do Termo de Contrato e Ajuste firmado pelo fundador, para receber a quantia de dez contos de réis, em forma de empréstimo. Eis a íntegra:

“Termo de contrato e ajuste que na forma da autorização conferida pelo Artigo quarenta e oito da Lei número trezentos e setenta e nove, de dezoito de setembro de mil oitocentos e quarenta e cinco faz o Governo Imperial com o Doutor Hermann Blumenau para a importação e estabelecimento de familias alemãs, que contenham pelo menos duzentos Colonos, debaixo das condições seguintes:

1º. — O Empresário Doutor Hermann Blumenau se obriga a fundar em terras de sua propriedade, sitas à margem do rio Itajaí Grande, na Provincia de Santa Catarina, uma Colônia agrícola e industrial composta de familias alemãs, por si e seus agentes engajados na Europa, que contenham pelo menos duzentos Colonos.

2º. — Para os gastos da importação dos referidos Colonos se obriga o Governo Imperial a adiantar desde já ao Empresário a quantia de dez contos de réis, correndo porém por conta e risco do mesmo Empresário, todas as despesas que fizer tanto com a importação dos Colonos, como com a fundação e estabelecimento da Colônia, sem que em tempo algum possa reclamar do Governo algum outro auxílio ou indenização, que não seja o adiantamento que ora lhe faz, dos mencionados dez contos de réis.

3º. — O Empresário se obriga a reembolsar a quantia assim adiantada em três pagamentos, os dois primeiros de três contos de réis, e o terceiro de quatro, por letras que aceitará a dois, três e quatro anos; hipotecando desde já a segurança do reembolso todas as terras e estabelecimentos, que possui à margem do rio Itajaí Grande.

4º. — O Governo Imperial fiscalizará se são fielmente executadas as condições dos contratos celebrados entre o Empresário e os Colonos, sendo para esse fim obrigado o Empresário a remeter à Secretaria de Estado dos Negócios do Império, uma cópia das condições do

contrato, que fizer com cada Colono, e a enviar todos os semestres por intermédio da Presidência uma exata e fiel exposição do estado da Colônia.

5º. — Obriga-se mais o Empresário, logo que a Colônia esteja definitivamente fundada, a manter nela uma escola de primeiras letras para o ensino da mocidade, e a proporcionar aos Colonos os meios necessários para a prática dos exercícios religiosos, tendo o maior cuidado em que não falte o pasto espiritual, especialmente aos que professarem a religião católica.

6º. — Dentro do prazo de dezesseis meses, contado da data do presente contrato, terá o Empresário importado cinquenta Colonos, dentro de dois anos cem e no fim de três anos terá importado pelo menos duzentos, e estará a Colônia definitivamente montada, sob pena de ser obrigado ao imediato reembolso da soma adiantada, dando-se por vencidas todas as letras que ainda o não estejam .

Em fé do que se lavrou este Termo, assinado pelo Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Visconde de Montalegre, Conselheiro de Estado, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, e pelo dito Empresário Doutor Hermann Blumenau, nesta Secretaria do Estado de Negócios do Império, em vinte e um de fevereiro de mil oitocentos e cinquenta e um. — Visconde de Montalegre. — Dr. Hermann Blumenau”.

HISTÓRICO DA CHEGADA DA PRIMEIRA LEVA DA IMIGRAÇÃO TRENTINA A RIO DOS CEDROS — III

Notas de CARMELO CARLINI

(Síntese do P. VICTOR VICENZI)

A primeira leva de imigração trentina, chegara enfim ao porto de Itajaí, onde foi alojada num barracão já existente para os imigrantes alemães, em fins de janeiro de 1875.

Duas semanas depois, todas aquelas famílias, embarcaram em barcaças impelidas por musculosos remadores pretos e mulatos, rio Itajaí acima. Era a segunda quinzena de fevereiro do ano de 1875. Como soe acontecer nesta época do ano, dia de muito calor, de um calor asfixiante com prenúncio de trovoadas.

Os passageiros, admirados, achavam o rio e os terrenos muito parecidos com a paisagem do Ádige, rio bem conhecido de sua terra. Isto trouxe, em parte, algum lenitivo para muitas famílias e saudades para outras.

Sem muitos percalços, chegaram a um lugar chamado “São

Pedro de Alcântara”, hoje Gaspar, onde desembarcaram. Na estrada de Brusque, havia um barracão destinado para recebê-los.

Dois dias depois da chegada, os Agentes da Colonização, reuniram os homens, fazendo com que cada grupo de dez, escolhesse um representante, que iria com eles para explorar e demarcar as colônias numa das três frentes, desta vez em direção a Brusque, onde mais tarde seria Nova Trento. Entre outros foram eleitos: Eugênio Uber, Domenico Carlini e Giovanni Batista Bonatti.

Entretanto, a comissão percebera que os Agentes Colonizadores manifestavam certo interesse para que todas aquelas famílias ocupassem as terras em direção a Nova Trento, deixando as outras duas frentes, — Rodeio e Pomeranos, — mais férteis, para outra oportunidade, motivando com isso descontentamento entre elas. A Companhia, então, acedendo ao pedido, ofereceu a exploração, também das frentes de Rodeio e Pomeranos, para onde se dirigiram, rio Itajaí acima, acompanhados, além de dois Agentes, por um agrimensor, três caboclos e um índio.

Assim, com pleno conhecimento da situação, várias famílias preferiram as colônias de Nova Trento, cujos nomes estão na história daquela cidade, enquanto outras, as de Pomeranos e Rodeio. As que ficaram, foram transferidas para o barracão de Blumenau, num total aproximado de 150 pessoas. De Blumenau, os homens e os mocos válidos, partiram para Pomeranos, com o fim de preparar os lotes, derrubar a mata e construir as suas primeiras moradias, de pau a pique, fechadas e cobertas de folhas largas de nome guaricanas. Terminado o serviço, voltaram a Blumenau, para buscar as famílias e seus pertences.

A área de cada casa, tinha 20 m², em geral sem repartição interna, a não ser aquelas onde deveriam ser alojadas as moças. Os rapazes dormiam no sótão como melhor podiam, assoalhado com madeira bruta, em camas improvisadas construídas de pau roliço e trançadas de cipós.

O percurso de Blumenau a Timbó, foi lento e sacrificado. As mulheres e crianças viajavam em carroças. Os homens e os rapazes a pé. Uma parte da bagagem era carregada em lombos de burros. De Timbó até o km 8 da picada de Pomeranos, foi percorrido a pé por todas as pessoas, porquanto não havia ainda estrada para carroça.

Até o km 5 as colônias já estavam habitadas por alemães, vindos da Pomerânia — Alemanha — motivo pelo qual a estrada é ainda hoje cognominada de Pomeranos. Os alemães diziam “Pommestrasse” e os imigrantes trentinos de “Pomestrós”. Esta estrada mede, ainda hoje, 20 km em direção Sul-Norte. Era a única via de trânsito até Timbó, nos primeiros tempos.

As colônias, das quais tomou posse aquele primeiro grupo de trentinos, eram bastante acidentadas geograficamente. Os morros férteis e as planícies, úmidas.

Estávamos agora na metade do ano de 1875, precisamente nos

primeiros dias de junho, quando aí se estabeleceu uma parte da primeira leva emigratória de Trento — Itália — cujos nomes aqui são documentados: Bortolo Cava, Sperandio Bendotti, Eugenio Uber, Mansueto Uber, Francesso Perini, Beniamino Moratelli, Sigismondo Nardelli, Giovanni Batista Bertoldi, Giovanni Batista Bonatti, Domenico Pisetta I, Domenico Pisetta II, Angelo Tafner, Antonio Slomp, Domenico Baldessari, Antonio Nardelli e Bortolo Andreatta.

Assim que tomaram posse dos seus pobres barracos, construídos no meio da mata, improvisaram a festa de Santo Antônio, no dia 13 de junho. O quadro do santo, trazido por uma daquelas famílias, foi colocado sobre um altarcinho construído de taquara. Giovanni Baldessari rezou as orações litúrgicas e dirigiu aos presentes palavras emocionantes, lembrando a festa de Santo Antônio em Trento, motivando lágrimas e saudades em todos.

Foi a primeira festa celebrada em Pomeranos, no município de Rio dos Cedros. Essa haveria de continuar pelos anos vindouros, até hoje, agora já em artística igreja.

Cerca de 40 dias depois do estabelecimento desta primeira leva, chegava a Pomeranos a segunda, composta das seguintes famílias, que foram morar mais para o Norte da mesma picada. Pietro Marchetti, Giovanni Filippi, Domenico Sevegnani, Andrea Zatelli, Domenico Carlini, Domenico Tomasini, Luigi Dematé, Giacinto Dalmonico e Antonio Tomasini.

A nova comunidade, apelidada no início de “Matarello”, em homenagem às famílias que vieram de Matarello, pequena cidade a 10 km de Trento, começou com a ocupação de dois terrenos, perto da atual igreja de São Roque. O nº. 41 por Sperandio Bendotti e o nº. 42, por Bortolo Cava, terrenos esses que estavam abandonados no meio de uma série de outros ocupados por imigrantes alemães. Os demais trentinos vieram a ocupar os lotes a partir do nº. 53 até o nº. 82 em direção Norte.

As colônias eram adquiridas através de escritura pública, depois de um prazo razoável, quando os colonos já se tinham definitivamente estabelecidos.

Foi assim que Rio dos Cedros, começou a existir, em 1875, pela vinda desta primeira turma cuja epopéia já foi narrada nos dois artigos precedentes.

NOTA

No artigo do Sr. Celso Liberato intitulado “Novo Livro”, publicado na edição de outubro último desta revista, onde se lê “Um pouco de minha vida e do meu trabalho”, leia-se: “Um pouco de mim: da minha vida e do meu trabalho”.

Figuras do Passado

— José Gonçalves —

FRITZ HAUFE

No ano de 1924, chegava ao Rio de Janeiro um jovem de origem alemã, trazendo consigo muita esperança de que aqui no Brasil haveria de realizar seus sonhos e tornar o país sua pátria adotiva.

Tratava-se de Max Fritz Haufe, nascido na cidade alemã de Priestwitz, aos 2 de maio de 1904, tendo como pais Max Haufe e dona Luise Haufe.

O jovem Fritz Haufe, ao chegar no Rio de Janeiro, viajando pelo vapor "York" desde o porto de Hamburgo, teve imensas dificuldades de adaptação. Todavia, pela sua força de vontade que o impelia sempre para a frente, acabou por superar todos os obstáculos interpostos em seu caminho. Primeiro, foi a dificuldade de comunicação, já que não entendia nada de português. Por isso, munuiu-se de um dicionário português — alemão — português e, nas pesquisas das palavras, acabou por encontrar a fórmula ideal para os primeiros contatos com os cariocas. Em seguida, foi o problema de ganhar a vida da forma mais prática possível, já que seus recursos, os que trouxera da Alemanha, eram escassos. Por isso, não titubeou em aceitar o primeiro emprego que apareceu. Não era bem um emprego, mas serviço mesmo. Foi admitido no trabalho de ajudante de pedreiro, numa empresa de construção e assim começou uma nova vida numa nova pátria.

Depois de trabalhar algum tempo naquele emprego, Fritz Haufe resolveu dar andamento ao plano que o fizera vir ao Brasil: conhecer Blumenau, cidade que sabia ter sido colonizada por alemães e que se achava em franco progresso. Pediu demissão do emprego, recebeu seus proventos e tomou rumo de Santa Catarina, viajando de navio desde o Rio de Janeiro até o porto de Itajaí. Daquela cidade, partiu logo após, embarcando no vapor Blumenau I, chegando finalmente a Blumenau.

Nesta cidade, Fritz Haufe, pela facilidade com que se comunicava e pela simpatia que irradiava aos primeiros contatos, formou, logo um vasto círculo de amigos. Seu primeiro emprego foi com o Dr. Hans Pape, médico de saudosa memória que naquela época residia à rua São Paulo. Mais tarde, Fritz Haufe trabalhou na farmácia ONKEN, em cuja atividade desenvolveu vastos conhecimentos no ramo, tendo, em 1928, adquirido o estabelecimento com o falecimento do proprietário, denominando-a a partir dali de "Farmácia Glória". Foi nesta atividade de farmacêutico prático que Fritz Haufe prestou assinalados serviços à coletividade blumenauense, no decorrer de cerca de quarenta anos de um trabalho consciencioso e muito humano. Os co-

nhcimentos do ramo, ele os havia adquirido, no sentido básico, quando ainda muito pequeno, pois, nos seus primeiros anos de juventude, trabalhara primeiramente na confeitaria que seu pai possuía em Priestwitz e, posteriormente, até embarcar para o Brasil, trabalhara num laboratório farmacêutico.

A Farmácia Glória foi, durante esses quarenta anos, uma das mais populares e prestigiadas pela população blumenauense, tornando-se, Fritz Haufe uma figura das mais estimadas e conceituadas pela maneira com que procurava suavizar os sofrimentos dos que procuravam seu estabelecimento para obter os medicamentos que tão bem sabia manipular.

Em 1944, a 4 de julho, Fritz Haufe casava com dona Edith Rebein, nascida na localidade de Ascurra em 4 de julho de 1925, com cuja esposa teve três filhos, que são: Carlos Max, nascido aos 3 de julho de 1946, Anna Luiza, nascida a 9 de novembro de 1948 e Frederico Carlos, nascido a 27 de março de 1954.

No ano de 1968, com direitos adquiridos de uma aposentadoria merecida, Fritz Haufe resolveu vender a Farmácia Glória.

A partir de então, apesar de aposentado, não deixou de trabalhar no ramo de sua especialidade: negociar com produtos farmacêuticos, o que o fazia diariamente, mantendo-se sempre jovial e alegre pela ocupação útil que desenvolvia, apesar de seus setenta anos.

Fritz Haufe nunca deixou de manter os antigos contatos e de renovar as inúmeras amizades que, ao longo dos quarenta anos de atividade conquistara. Por isso, era uma figura vista sempre com simpatia pelos que o encontravam diariamente pela cidade.

No ano de 1978, Fritz Haufe, que sempre gozara de muita saúde e disposição, sofreu um mal súbito que o levou ao leito do hospital. Submeteu-se a rigoroso tratamento, tendo conseguido restabelecer-se parcialmente. Voitou a desenvolver a mesma atividade anterior, mas já não com a mesma facilidade de antes. Sua força de vontade era muito grande e assim conseguia equilibrar o avanço da enfermidade com a sua resistência física e mental. Todavia, há pouco mais de seis meses, ou seja, em meados do corrente ano, o mal se agravou e Fritz Haufe teve que retornar ao leito, de onde não conseguiu restabelecer-se, falecendo no dia 31 de julho do corrente ano.

O desaparecimento do estimado cidadão causou profunda consternação na sociedade blumenauense, pela estima em que era tido. Deixou um belo exemplo de trabalho, probidade e de solidariedade humana e o exemplo de pai de família, cujos filhos soube educar com amor, ternura e desprendimento, deixando-lhes a mais sublime herança que um chefe de família pode fazê-lo: o exemplo de seu trabalho, da dignidade de sua vida, do trabalho honesto e da plena integração na vida comunitária.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" e em especial "Blumenau em Cadernos", que tiveram em Fritz Haufe um amigo e incentivador dos

mais entusiastas ao longo destes anos, presta, neste registro, a homenagem sincera a esta figura inesquecível, registrando seu nome nos anais de seus arquivos e, no encerramento deste registro, renovamos à família enlutada, a manifestação de solidariedade ao pesar pela perda sofrida, assim como a continuidade de nossa amizade aos seus descendentes.

Retalhos Históricos

Nemésio Heusi

José Ferreira da Silva sempre me dizia: “Nada é mais fascinante do que escrever sobre História.”

E tanto falara que me convenceu a discutir e polemizar com Marcos Konder sobre a tão controvertida fundação do meu querido Itajaí. Para tanto, forneceu-me Ferreira da Silva vários trabalhos seus e de Oswaldo Cabral acerca da História Catarinense, notadamente do Vale do Itajaí.

Moco como era então, empolguei-me com a idéia. Mas, bem cedo me convenci de que o assunto não era nada fácil. E isto porque a fundação de Itajaí, pela ausência completa de subsídios históricos, difere totalmente da de Blumenau, sobre cuja fundação e história tanto escrevera o Professor Ferreira da Silva, das quais sempre foi um apaixonado e mestre.

A fundação de Blumenau foi — pode-se dizer — cronometrada. E tão somente um espírito culto e perseverante como o de Hermann Blumenau, seria capaz de levá-la, como levou, a bom termo, depois de muitas lutas, sacrifícios e desilusões.

A fundação de Itajaí, ao contrário, foi mais sentimental do que propriamente histórica. Entretanto, Marcos Konder, que amou, como ninguém, a sua “Pequena Pátria”, como a chamou, entendeu, e com sobejas razões, que era imprescindível descobrir-se, de qualquer maneira, o fundador da cidade que então governava.

Com esse grande objetivo, de corpo e alma, atirou-se à luta vasculhando e revolvendo arquivos, procurando nesse emaranhado, algo que lhe revelasse a pessoa do fundador e a data da fundação de Itajaí.

Ao contrário de Blumenau, que contou com a pertinácia e o firme propósito de um Hermann Blumenau de fundar, como fundou, uma Colônia às margens do Itajaí-Açu, na confluência dos ribeirões Velha e Garcia, — Itajaí, infelizmente, não teve a seu favor essa clareza histórica. Guiado pelo canoieiro Angelo Dias, Hermann Blumenau e o seu sócio Fernando Hackradt, subiram o Itajaí-Açu. Hackradt ali ficara para construir os primeiros ranchos. Todavia, nada fez, o que provocou no Dr. Blumenau mais uma das suas muitas decepções.

O Dr. Blumenau, porém, não arrefeceu. E graças à sua fibra,

intrepidez e indomável força de vontade, prosseguiu, impávido, na sua grande missão, embora sabendo que teria ainda de enfrentar muitos e enormes tropeços. Em 1852, distribuiu finalmente os primeiros dez lotes coloniais, ou seja, o início dos trabalhos que deveriam marcar a data da fundação propriamente dita. Todavia, a data oficial da Fundação de Blumenau é comemorada a 2 de setembro. Por isso que foi nesse dia, em 1850, que chegavam em Blumenau, os primeiros 17 colonos.

Daí porque Marcos Konder, que conhecia toda a maravilhosa História de Blumenau, não se conformar que Itajaí não tivesse também o seu fundador, a exemplo do seu feliz e próspero vizinho.

Não tinha dúvidas de que Itajaí era algo mais velho do que Blumenau. E isto porque, em 1847, quando o Dr. Blumenau deixou a Alemanha, sua Pátria, credenciado pela Sociedade de Proteção aos Emigrantes Alemães, a fim de fundar uma Colônia no Brasil, ele, depois de ter ido primeiro ao Rio Grande do Sul e depois ao então Desterro, se encaminhou, finalmente, a cavalo e a pé, rumo à Freguesia do Santíssimo Sacramento, na foz do Itajaí-Açu, que nada mais era do que a sua "Pequena Pátria", como ele, Marcos Konder, a denominara.

Isto posto, a data da fundação de Itajaí tinha de ser bem anterior a 1847. E este o ponto de partida de Marcos Konder, para nortear a sua penosa e difícil jornada histórica.

Ferreira da Silva me catequizara. E certa feita, num encontro marcado com Oswaldo Cabral, me convencera de que eu, como itajaiense e jornalista, deveria escrever alguns trabalhos para a sua revista "Blumenau em Cadernos" e para o "Jornal do Povo", de Itajaí, sobre esse polêmico e momentoso assunto.

Comecei então a pesquisar e estudar a tão controvertida história da fundação de Itajaí, valendo-me da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, cidade onde então residia, sendo que na época era diretor da Press-Parga. Dessa busca e de tudo que me fora fornecido por Ferreira da Silva e Oswaldo Cabral, sobre a História do Vale do Itajaí, me convenci de que estava apto a falar sobre a fundação do meu torrão natal. E empolgado pelo entusiasmo da minha juventude, que não media conseqüências, entrei em debate com Marcos Konder. Felizmente, porém, bem cedo me capacitei de que estava fazendo o papel de "judas da história". De vez que, face à autoridade e cultura de Marcos Konder, eu nada mais era do que um historiador tupiniquím.

E isto, na primeira oportunidade que tive, eu confessei franca e abertamente a Ferreira da Silva, dizendo-lhe que o assunto era por demais emaranhado e que eu, ademais, nunca tivera vocação para historiador. Tanto mais para enfrentar uma polêmica com um homem do porte e valor de Marcos Konder,

A essa altura, eu me dei conta da superioridade de Marcos Konder e o drama que ele vivia. Pois, sempre mais se aproximava o ano de 1950 que marcaria o 1º. Centenário da Fundação de Blumenau, que seria comemorado com festas e foguetes. E a sua tão decantada "Pe-

quena Pátria” nem sequer conhecia a data da sua fundação e o nome do seu fundador.

Ele queria, porém à viva força, se antecipar aos festejos do Centenário de Blumenau. E é aqui que se agigantam a fibra e o espírito de patriotismo de Marcos Konder, ao se fixar no dia 12 de agosto de 1820, para a escolha da data da fundação da sua querida Itajaí e apresentar como seu fundador Vasconcelos de Drumond. No que, aliás, foi bastante coerente. Pois, foi em 1819 que Vasconcelos de Drumond recebeu a incumbência imperial de fundar uma Colônia às margens do Itajaí-Açu. O que, de fato, se verificou em 12 de agosto de 1820.

E assim, nessa data, em 1920, Marcos Konder, feliz e realizado, abria as portas da cidade para comemorar com pompa, foguetes e flores, o 1.º Centenário da Fundação de Itajaí e proclamar como seu Fundador Vasconcelos de Drumond!

Itajaí já era então uma bela, próspera e progressista cidade. Porta principal do majestoso e rico Vale do Itajaí, por onde se escoam todas as suas riquezas, produto do trabalho, da sua gente ordeira e trabalhadora.

E foi assim que Marcos Konder, revolvendo escaninhos bolorentos, conseguiu descobrir esse jovem diplomata, culto e indomável espírito liberal, como fundador da sua “Pequena Pátria” — Vasconcelos de Drumond. Isto em 12 de agosto de 1820.

Rendo, pois, aqui a minha mais sincera e calorosa homenagem à memória desse grande e valoroso itajaiense — MARCOS KONDER, que ocupa lugar de destaque entre os homens que fizeram a história e a grandeza da hoje importante, progressista e próspera cidade de Itajaí.

Quero ainda dizer — finalizando — que Marcos Konder foi mais feliz do que Diógenes, pois encontrou o Homem procurado.

DR. AFONSO RABE E SUA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO HOSPITAL SANTO ANTÔNIO E À SAÚDE PÚBLICA DE BLUMENAU

(Conclusão)

Já em 1947, apesar de tudo pronto, agora, para o pleno funcionamento da Secção de combate à tuberculose, cuja incidência, como se verificou mais tarde, era bastante grande, e como ainda faltasse um médico interessado para o cargo, eu comecei a atender, cumulativamente, a Secção, naturalmente dentro das possibilidades de tempo e, sem maiores ônus para o Estado. Eu não podia ver mais aquilo tudo pronto e sem funcionar, deixando de atender os muitos pedidos de exames. Claro está que estes meus atendimentos extras, de horas vagas, só podiam ser muito precários e relativos, mas eu entendia que sempre era melhor aquele pouco do que nada. E assim continuei, sem que

houvesse um médico interessado pelo Serviço, nem aqui nem de fora, até fins de 1948.

Neste ano de 1948 o dr. Abelardo Vianna, que por sugestão minha fizera também o curso de médico-sanitarista no ano anterior, 1947, foi designado como meu assistente e aliviou muito minhas atribuições como Chefe do Centro e do 3º. Distrito Sanitário e eu fui me dedicando cada vez mais ao Serviço de Tuberculose.

Por outro lado eu estava ficando sempre mais desgostoso com os meus cargos de Chefia, que me prendiam, nesta altura, quase que totalmente a serviços burocráticos de gabinete.

Eu aprendera que as atividades do médico-sanitarista deveriam ser sobretudo dinâmicas, em trabalhos externos; de inquéritos epidemiológicos e endêmicos; na procura de soluções "in loco" e na tomada de medidas profiláticas coletivas, etc., etc... No Centro de Saúde, naquela época, isto praticamente não me era possível por falta de condução e de auxiliares suficientes.

Resolvi pedir então aos meus superiores hierárquicos, minha transferência da carreira de médico-sanitarista para a de tisiologista, para a qual eu me propunha a fazer um curso de complementação, certo de que no exercício pleno deste novo cargo eu poderia ser muito mais útil a coletividade. Ademais, não haveria problema de médico-sanitarista para a Chefia, pois, o dr. Abelardo Vianna, neste ano de 1948, já estava trabalhando comigo neste nosso Distrito Sanitário.

Em princípios de 1949 eu fui atendido e mandado estagiar até fins de fevereiro no Departamento de Combate à Tuberculose do Paraná, em Curitiba, onde me familiarizei rapidamente com as interpretações radiológicas específicas, com a aplicação de pneumotórax e de pneumoperitônio que naquela época, ainda eram prática corrente.

Em 8 de abril de 1949 foi-me concedida a transferência de carreira e neste cargo de tisiologista permaneci até maio de 1960, quando nele fui aposentado, por tempo de serviço público, que era de 25 anos ao invés de 30, dado a periculosidade do serviço pelo contato diário com tais doentes e, computados, conforme a lei, todas as funções públicas que eu já exercera até então.

Em decorrência de meu curso de Higiene e Saúde Pública em São Paulo, fui convidado, em princípios de 1948, pelo diretor Rodolfo Gerlach para lecionar a matéria de Higiene, Educação Sanitária e Puericultura, às alunas das 2as. e 3as. Séries da Escola Normal D. Pedro II, de então, instalada pelo Governo do Estado aqui em Blumenau, no ano anterior. Não havendo interferência de horários com minhas outras funções, aceitei o encargo com prazer, a título de experiência, e fui nomeado em 8 de abril de 1948 pelo então Governador Aderbal Ramos da Silva, iniciando também imediatamente essa nova tarefa, correlata à Saúde Pública, isto é, à medicina preventiva.

No ano seguinte foi aberto concurso para o provimento efetivo da cadeira e, tendo tomado real gosto pelo magistério, candidatei-me, fiz o concurso e ganhei a cadeira, sendo nomeado então "professor catedrático".

A falta absoluta de livros didáticos sobre a matéria para o nível de alunas normalistas, — curso equiparado ao científico —, dificultou-me os ensinamentos, a princípio, já que faltava aos alunos e alunas toda a base para assimilar os assuntos oficialmente programados, os quais, significativamente, no curso de medicina, somente são administrados no último ano.

Adaptando-me aos poucos a essa condição de fato, procurei ensinar a matéria de maneira cada vez mais simplificada a fim de torná-la realmente acessível e de algum modo de efetiva utilidade permanente, sem sacrificar o essencial dos assuntos lecionados.

Amadurecendo didaticamente de ano para ano, resolvi escrever as aulas dadas, elaborando gradativamente um livro, de acordo com o programa oficial e apresentei-o à apreciação da Secretaria de Educação do Estado. Passados alguns anos, tive a grata satisfação de ver o meu trabalho aprovado, propondo-se a Secretaria a mandar imprimi-lo, o que afinal foi feito em 1968, nas oficinas gráficas da Imprensa da Universidade de Sta. Catarina, em Florianópolis.

Meu livro foi então adotado como orientador na matéria e a edição de 2.500 exemplares distribuída pela Secretaria de Educação a todas Escolas Normais do Estado e a outros estabelecimentos educacionais congêneres. Quero acentuar que meu trabalho foi uma colaboração espontânea, sem nenhum ônus para o Governo.

Ao me aposentar como fisiologista do Centro de Saúde de Blumenau, em 1960, tive a satisfação de entregar o Serviço de Tuberculose ao competente colega dr. Odilon Caetano, que fez um prolongado curso oficial de especialização no Rio de Janeiro.

Na Escola Normal eu continuei a lecionar Higiene e Educação Sanitária, dedicando, então, àquele educandário as manhãs inteiras, como sub-diretor.

À tarde atendia ainda no meu consultório particular, especialmente no diagnóstico e tratamento da tuberculose.

No ano de 1967 tive de resignar-me aos superiores e insondáveis desígnios de Deus. Fui aposentado também como professor e tive de encerrar igualmente, todas as minhas atividades médicas, por expressa recomendação dos médicos oculistas, em virtude de graves distúrbios visuais que quase me cegaram totalmente.

Não obstante e se mais não me foi possível realizar retirei-me satisfeito comigo mesmo pelo pouco que pude fazer em prol da coletividade em Blumenau, desde 1931 até 1967, em relação ao Hospital Sto. Antônio; ao Centro de Saúde; à Saúde Pública e ao ensino e propagação da Higiene e Educação Sanitária.

Foi apenas isto que eu tentei registrar aqui, como uma pequena colaboração ao "Blumenau em Cadernos", neste ano de 1979, em que estou completando meu cinqüentenário de formatura em medicina na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde fui graduado em dezembro de 1929, com justificado júbilo e grande orgulho pessoal.

Blumenau, em setembro de 1979.

dr. Afonso Rabe

Rio do Sul há 100 anos

A. Cardoso

Em 1879 o termo Rio do Sul, ou melhor, Braço do Sul, existia somente para designar o curso de água que hoje banha a cidade de Rio do Sul, que ainda não tinha morador branco naquela época.

O sério obstáculo, porém, que este curso de água oferecia aos tropeiros que faziam o comércio entre os campos de Lajes e o vale do Itajaí, fez com que o Dr. Blumenau muito se preocupasse em remediá-lo, pois este empecilho podia custar a vida de tropeiros, o que também aconteceu, como no caso do fazendeiro Rauhen, e talvez ainda outros.

Em 1874 teve início a construção do caminho de Blumenau para Curitiba, e isto em Aquidabam (hoje Apiúna), pois até ali já existia estrada, feita pela administração da colônia de Blumenau. Neste tempo já haviam sido levadas a efeito tentativas bem sucedidas, também por outras pessoas, de alcançar o planalto.

O Dr. Blumenau se esforçou durante 15 anos para lançar, com repetidos auxílios do Governo, uma picada que ligasse os campos de Lajes com o vale do Itajaí. O empreendimento começou em 1863, quando a primeira expedição mandada pelo colonizador para fazer os primeiros levantamentos topográficos para a construção de uma picada ao planalto, errou o caminho e subiu pelo Rio Hercílio, não chegando a ver os formadores do Itajaí-açu, dos quais o Dr. Blumenau já tinha conhecimento por intermédio do Capitão João R. Pinto, que contava com um índio manso na sua expedição, conhecedor do vale e da serra. O Capitão Pinto com sua comitiva foram pois os primeiros brancos a por o pé na atual Rio do Sul, fazendo, em 1857, a caminhada em 22 dias, de Alfredo Wagner, ex-Barracão a Blumenau.

O caminho do planalto, que oferecia sérios perigos com seus precipícios, foi entregue ao trânsito em 1878. Mesmo, de passagem difícil, no início aparecia, em média, uma tropa de animais cargueiros por dia, porém este movimento acabou quase que por completo. Um dos grandes obstáculos era pois o de cruzar o Braço do Sul. Foram raras as oportunidades nas quais o vau, que este rio apresenta uns 800 metros acima da confluência com o Rio do Oeste, estava em condições de poder ser aproveitado. Este curso d'água pode ser transpassado aqui somente quando o mesmo conduz pouca água.

O quanto o fundador da colônia se interessou pelo ponto da confluência dos rios do Sul e do Oeste podemos observar no ofício que o Dr. Blumenau enviou ao Vice-Presidente da Província, sr. dr. Joaquim da Silva Ramalho, ofício este que abaixo segue: "Parecendo-me de urgente conveniência e necessidade estabelecer-se, com a máxima possível brevidade, na embocadura do Rio Itajaí-Sul, no lugar da pro-

jetada povoação de Humaitá, um posto de passagem e pouso, e núcleo de habitantes, e tendo eu a honra de apresentar a V. Excia. sobre este assunto, o incluso memorial, venho, ao mesmo tempo, respeitosamente, solicitar a V. Excia. se queira dignar de autorizar esta diretoria, para, por meio das medidas, na mesma proposta, ou outras, que parecem mais acertadas e convenientes, realizar a idéia principal na mesma ventitada. Deus guarde a V. Excia. Colônia Blumenau, 18 de dezembro de 1878. Ass.: O Diretor Hermann Blumenau”.

Como se vê, não diminuiu o ímpeto colonizador do Dr. Blumenau. Além disso reclamou o estabelecimento de um balseiro junto à confluência de Rio do Sul e Rio do Oeste, conforme veremos abaixo: “Diretoria da Colônia Blumenau, 1º. de novembro de 1879. Exmo. sr. Júlio Caetano Pereira, Secretário Interino do Governo. Tenho a honra de apresentar a V.S. a inclusa relação dos imigrantes, entrados antes de ontem nesta colônia, permito-me ainda e muito encarecido, V.S. queira ter a especial bondade de me participar, sendo possível, se ainda não foi resolvido sobre o negócio dos terrenos e do estabelecimento de um balseiro na barra do Itajaí do Sul, de que tratava o meu ofício, etc. Deus guarde V. Excia. O Diretor: Dr. H. Blumenau”.

Existe realmente um documento em que dois cidadãos foram contratados para atender a balsa que o Dr. Blumenau planejava para Rio do Sul, então Humaitá. Ei-lo: “Diretoria da Colônia de Blumenau, 10 de junho de 1879. Pelo presente, o senhor José Beje de Siqueira, bem como seus genros José Antônio Cruz e Antônio Bernardo, foram autorizados, para na margem esquerda e barra do Rio Itajaí-Sul e margens da estrada, que ali existe, praticarem cada um, derrubada da área de aproximadamente 25.000 metros quadrados, etc. Tendo esta Diretoria encarregado o sr. José Beje de Siqueira com o serviço da passagem na barra do Rio Itajaí-Sul pelo prazo de três anos, etc. O Diretor Dr. H. Blumenau”.

Quando o Dr. Blumenau procedia aos trabalhos de demarcação dos lotes coloniais, já distantes do centro da colônia, ocupados logo pelos imigrantes, o Brasil estava em guerra com Paraguai. Batizou então o colonizador alguns lugarejos com os nomes das posições que brasileiros tomaram dos paraguaios. Sugiram, assim, Timbó, Ascurra, Aquidabam (atual Apiúna) e Riachuelo que lembram memoráveis feitos das armas nacionais.

Humaitá era um posto-chave considerado invencível. Porém, em 19 de fevereiro de 1868 a marinha brasileira forçou o passo de Humaitá e o Dr. Blumenau planejou em batizar, no ano de 1879, a atual Rio do Sul, com o nome de Humaitá.

Todavia, os planos do colonizador, apoiados pela população do vale do Itajaí e do planalto, não se realizaram, pois seus pedidos acima mencionados não receberam do Governo de Desterro o tão desejado “Deferido”.

— DIA 1º. DE OUTUBRO — Foi adjudicada, pelo Prefeito Renato de Mello Vianna, a concorrência pública para a construção da primeira etapa da nova Prefeitura Municipal. A firma vencedora foi a Construtora Rio Branco, que já está construindo o prédio da nova Estação Rodoviária. Esta primeira etapa ora adjudicada, exigirá um investimento da ordem de 26,5 milhões de cruzeiros, representado pela implantação de 2075 metros cúbicos de estruturas de cimento armado e edificações das alvenarias e cobertura.

— ● —

— DIA 2 DE OUTUBRO — O Prefeito Renato Vianna envia à Câmara projeto de lei concedendo reajuste fixo de 550 cruzeiros aos servidores, com vencimentos até 15 mil cruzeiros.

— ● —

— DIA 5 DE OUTUBRO — Foi inaugurada, às 17 horas, a Creche Infantil no bairro Água Verde, à rua General Osório, e denominada de “Lar da Fraternidade”, a qual ficou instalada em propriedade cedida para este fim pela Ala Feminina da Loja Maçônica “Fraternidade Blumenauense nr. 6”. A nova creche vai beneficiar dezenas de famílias daquele bairro, com o acolhimento e cuidado das criancinhas, enquanto suas mães dedicam-se ao trabalho.

— ● —

— DIA 7 DE OUTUBRO — O Colégio Celso Ramos, do bairro Garcia, registrou, naquele dia, a passagem do seu primeiro cinquentário de fundação, marcando a acontecimento com várias solenidades.

— ● —

— DIA 7 DE OUTUBRO — Foi aberto o VII Congresso Brasileiro de Radiologia, realizado em Blumenau de 7 a 13 de outubro e cuja solenidade de abertura teve lugar no Teatro Carlos Gomes.

— ● —

— DIA 9 DE OUTUBRO — Violentas chuvas caídas nas cabeceiras do Itajaí e seus afluentes, fizeram com que as águas atingissem, em Blumenau, a marca de dez metros, causando sérios problemas às populações situadas nos locais mais baixos.

— ● —

— DIA 11 DE OUTUBRO — A imprensa catarinense notícia com destaque que Sta. Catarina foi classificada como o Estado produtor do melhor mel de abelhas do mundo, de acordo com parecer do XXVII Congresso de Apicultura realizado de 14 a 20 de setembro em Atenas.

— ● —

— DIA 13 DE OUTUBRO — No Teatro Carlos Gomes realizou-se o show musical de Juan Barris, intitulado “América en una Cancion”, às 21 horas.

— DIA 15 DE OUTUBRO — Iniciado no Teatro Carlos Gomes o Curso Controle Mental, pelo sistema Bio-Energético Aplicado.

— ● —
— DIA 16 DE OUTUBRO — O Prefeito Renato Vianna recebeu do Secretário de Agricultura do Município, agrônomo Renato Abelardo Beduschi, relatório das atividades daquela Secretaria referente ao mês de setembro, no qual se destaca o trabalho de ampliações e reforma das principais feiras livres. Diz o relatório que a próxima feira a ser beneficiada com essa medida é a da rua Teodoro Holtrup, na Vila Nova. Diz ainda, sobre a produção de hortaliças, que a granja da Secretaria, localizada junto à Casa São Simeão, tem abastecido não só aquela casa de asilados, como também a Promenor, Creches municipais, Lar da Esperança, Escolas e APAE, com o fornecimento naquele mês, de um total de 1.126 quilos de verdura, 443 pés de alface, 231 maços de temperos e 375 dúzias de ovos. A Granja possui hoje uma área cultivada de aproximadamente vinte mil metros quadrados, possuindo ainda um aviário de cerca de 400 galinhas poedeiras, que garantem por mês média de 380 dúzias de ovos. Referindo-se ao trator de esteira, o relatório diz que este trabalhou 219 horas em atendimento a onze propriedades rurais.

— ● —
— DIA 17 DE OUTUBRO — A Escola Superior de Música de Blumenau promoveu grande concerto musical no Teatro Carlos Gomes.

— ● —
— DIA 18 DE OUTUBRO — Começaram a chegar a Blumenau as delegações representativas dos municípios inscritos para disputar os XX Jogos Abertos de Santa Catarina.

— ● —
— DIA 18 DE OUTUBRO — A Fundação Catarinense de Cultura e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, promovem solenidades comemorativas ao transcurso do cinquentenário de falecimento de Gustavo Richard, constando, às 19,00 horas de Missa celebrada pelo sr. Arcebispo Dom Afonso Niehues e às 20,00 horas, abertura da Exposição Temporária: "O Governador Gustavo Richard: 50 anos após a sua morte".

— ● —
— DIA 19 DE OUTUBRO — Às 17 horas, instalou-se no Teatro Carlos Gomes, o Congresso Técnico dos XX Jogos Abertos de Santa Catarina, com a presença de autoridades locais e representações visitantes.

— ● —
— DIA 19 DE OUTUBRO — No aprazível complexo esportivo do SESI, à rodovia Governador Jorge Lacerda, cumpriu-se um espetacular programa de abertura dos XX Jogos Abertos de Santa Catarina, fazendo parte das festividades o grande desfile de apresentação das delegações.

— DIA 20 DE OUTUBRO — Realizou-se na séde do Clube de Caça e Tiro Braço do Sul, no Distrito de Itoupava, a tradicional festa anual de Rainha.

— ● —

— DIA 20 DE OUTUBRO — O Clube Filatélico de Blumenau e a Prefeitura Municipal, promovem o lançamento oficial do Carimbo Comemorativo Alusivo aos XX Jogos Abertos de Santa Catarina, pela ECT/SC, cuja solenidade verificou-se às 10,00 horas da manhã, no Mausoléu Dr. Blumenau.

— ● —

— DIA 21 DE OUTUBRO — Transferido que foi do dia 2 de setembro, em vista do mau tempo reinante, realizou-se o grande desfile das sociedade de atiradores de Blumenau, em homenagem inclusive aos milhares de visitantes que Blumenau hospedou durante a realização dos XX JASC.

— ● —

— DIA 21 DE OUTUBRO — Realizou-se no Clube Social de Caça e Tiro Garcia Jordão, a tradicional Festa de Tiro ao Pássaro, com a visita às residências do Rei Paulo Zendron e da Rainha srta. Salete Zendron, prosseguindo a festa popular durante todo aquele dia, na sede do clube.

— ● —

— DIA 23 DE OUTUBRO — Os alunos da Escola Superior de Música de Blumenau, promoveram no Teatro Carlos Gomes, a Audição de Alunos, com geral agrado.

— ● —

— DIA 24 DE OUTUBRO — Iniciada em Blumenau intensa campanha de vacinação contra o sarampo, cuja epidemia estava grassando no município.

— ● —

— DIA 25 DE OUTUBRO — Realizou-se em Florianópolis, o coquetel de lançamento e noite de autógrafos do livro "África-Adeus", de Maria Helena Noronha, às 20,30 horas, na sede da Fundação Catarinense de Cultura, à rua Victor Konder, 71.

— ● —

— DIA 26 DE OUTUBRO — Pela UFSC e a Secretaria Extraordinária de Comunicação Social do Governo do Estado, foi feito o lançamento do livro "Milagre na Salina", de autoria do jornalista Mário Pontes, editor do Jornal do Brasil. O ato teve lugar às 20,00 horas no Salão de Atos da Reitoria daquela Universidade.

— ● —

— DIA 27 DE OUTUBRO — No Ginásio "Sebastião Cruz", realizou-se a grande solenidade de encerramento dos XX JASC, após as últimas competições de voleibol e basquetebol, tendo, pela 13ª. vez conquistado o maior número de vitórias nas diversas modalidades, a representação blumenauense. Cerca de 8.000 pessoas assistiram e aplaudiram o espetáculo.

— DIA 28 DE OUTUBRO — Foi o dia consagrado ao Funcionário Público, tendo os servidores municipais de Blumenau promovido grandiosa festividade na sede campestre e que contou, além da maioria dos servidores e seus familiares, com a presença de autoridades representativas do município.



— DIA 29 DE OUTUBRO — O Museu da Família Colonial recebe, em doação, um histórico e valioso álbum de fotografias, mostrando as cenas mais dramáticas dos combates verificados em Joinville, em 1930, por ocasião da revolução. O referido álbum foi ofertado pela sra. Renate Rockhol e contém 47 fotos. Os agradecimentos da Direção pela valiosa oferta.

Retificação

“Dr. Afonso Rabe e sua contribuição à história do Hospital S. Antônio e à saúde pública de Blumenau”.

Sob o título acima, na primeira parte de um trabalho meu publicado em “BLUMENAU EM CADERNOS”, n.º 9, setembro de 1979, ao pé da página 247, eu escrevi que fui o primeiro blumenauense a fazer o curso completo de medicina no Brasil.

Somente agora, por leitores amigos melhor informados, eu vim a saber que isto não é verdade e aqui me apresso, agradecido, a retificar o asseverado: — essa prioridade cabe de fato e de direito ao Dr. Gustavo Abry, nascido em Blumenau no ano de 1896 e falecido em 1973, na cidade “Santos Dumont” do Estado de Minas Gerais.

Ele também cursou integralmente a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou médico, em fins de 1920, portanto, já nove (9) anos antes de mim.

Segundo informações que obtive da Srta. Marion D. Kaestner, sobrinha do Dr. Gustavo Luiz Abry, este esteve aqui em Blumenau apenas uns 2 ou 3 meses depois de formado, tendo trabalhado então com o Dr. Chr. Johnsen, no Hospital Sta. Catarina. Logo a seguir viajou para Minas Gerais, onde se fixou na cidade Santos Dumont.

Lá ele contraiu núpcias (o casal teve 6 filhos) e ficou morando até o fim de seus dias, tendo sido diretor do hospital “Santa Casa de Misericórdia” da cidade durante 40 anos.

Nunca mais voltou a Blumenau.

Blumenau, 20 de outubro de 1979
dr. Afonso Rabe

A nova colônia de Rio do Sul no ano 1908

por P. Hermann Stoer

No ano de 1908 a nova colônia de Rio do Sul, já contava com cerca de 40 famílias evangélicas, as quais, desde 1906, foram visitadas algumas vezes pelo Pastor Bergold, da Comunidade de Indaial. O mesmo realizou cultos desde 1900 no galpão dos imigrantes em Lontras, ali estabelecidos desde meados de 1890. Até então não fora fundada uma comunidade em Rio do Sul. Os cultos, realizados duas vezes por ano, efetuavam-se na casa de Rudolf Odebrecht.

Enviado pelo Supremo Conselho Eclesiástico Evangélico (Evgl. Oberkirchenrat) de Berlim, Alemanha, como pregador-iterante para Sta. Catarina, chegou a Rio do Sul em janeiro de 1908, o Pastor Hobus. Depois do primeiro culto divino, realizado por ele, na casa da família Odebrecht, convocou-se segundo o desejo dos colonos e sob a direção do Pastor —, uma reunião, a qual levou a efeito a fundação de uma comunidade escolar e eclesiástica. Foi no dia 26 de janeiro de 1908, dia em que os 36 colonos tomaram esta resolução memorável. No mesmo dia e na mesma ocasião, resolveu-se a construção de uma pequena escola e capela, para cujo fim o comerciante Theodor Kleine de Blumenau, sogro do sr. Rudolf Odebrecht, já havia reservado um seu terreno.

Os nomes dos fundadores da Comunidade Evangélica Escolar e Eclesiástica foram lançados no primeiro Registro da Comunidade. São os seguintes:

Otto Schulze, Friedrich Feldmann, Leopold Kriek, Otto Wehmuth, Otto Holler, Carl Hoeller, Wilhelm Stark, Edmundo Erhardt, Wirwe Haeuser, Oscar Bremer, Adolf Hoeltgebaum, Carl Rinnert, Louis Lucht, Hermann Haeuser, Friedrich Witt, Friedrich Witt Jr., Hermann Oertel, Adolf Haeuser, Richard Ehrhardt, Wilhelm Mueller, Jacob Holler, Rudolf Odebrecht, Hermann Strey, Theodor Viebrantz, Arno Frommelt, Otto Schoenichen, Ulrich Húbsch, Heinrich Teske, Fritz Strey, Heinrich Vogel, Rudolf Kriek, Walter Taruhn, Carl Zirbel, Ewald Schulze e Gustav Stark.

Foi eleito primeiro Presidente da recém-fundada comunidade o farmacêutico Oscar Bremer, proprietário da farmácia fundada um ano antes. Edificou-se ainda no mesmo ano (1908) uma casa simples de madeira, coberta de palmito que serviu de escola e igreja.

Infelizmente não se consegue esclarecer a data da inauguração da modesta construção. No registro da comunidade só se encontra assinalado que "o sr. F. Koberstein foi contratado como novo professor da comunidade". Antes disso, um professor particular da família Odebrecht lecionara para as crianças das famílias vizinhas. Os colonos, naquela época — não querendo que seus filhos crescessem analfabetos — dependiam inteiramente de seu auxílio próprio em prol da instrução. Porisso, geralmente fundavam comunidades escolares e eclesiásticas,

pois tanto o zelo pela sua fé como a instrução e educação dos seus filhos, era-lhes de importância vital, disso dependendo, muitas vezes, sua fixação na zona. De seus pais haviam recebido uma herança cultural e espiritual e sentiam-se obrigados a conservá-la fielmente.

O dia 26 de janeiro de 1908 é, por conseguinte, um dia muito importante na história de nossa comunidade; pois naquele dia foram lançados os alicerces do que viria a ser - após um desenvolvimento de 70 anos e apesar de muita contrariedade e iraqueza humana -, a atual florescente paróquia, abrangendo cerca de 1.200 famílias. Aqueles homens e mulheres dos quais alguns poucos se encontram vivos, certamente mal pressentiram naquele dia da fundação da comunidade, numa época em que seus modestos casebres de madeira ainda se encontravam à sombra da mata virgem, que fora iniciada uma obra destinada a ser ricamente abençoada. Fizeram-no por fidelidade à tradição de seus antepassados. Viram nisso uma obrigação.

Uma antiga fotografia apresenta-nos a primeira escola e capela, ainda coberta com folhas de palmito. Nos fundos aparece a mata virgem, hoje totalmente abatida. Essa primeira escola e capela foi construída no mesmo lugar, onde se encontrava mais tarde a igreja velha que, no ano 1968, devia dar lugar à construção do "Centro Evangélico". Rio do Sul, em 1908, era ainda uma colônia nova de pouca importância. O que uniu os primeiros colonos numa comunhão mais estreita, foi a fé que tinham em comum e que os levou à fundação de uma comunidade.

Pelo fim de 1908 informa-se o seguinte sobre a nova colônia de Rio do Sul: "... Novamente declina-se um ano. Para a nossa colônia trouxe algum progresso. Subiu novamente o número dos colonos. Mais de uma casa de madeira brotou da terra durante o ano passado. Manufatores como alfaiate, sapateiro e seleiro também já tiveram residência. Nossa colônia dá ainda, por certo, uma impressão desoladora ao recém-chegado. Para tal contribui o mau estado do caminho de "Burgerbach" (Apiúna) para cá. De fato! Há alguns meses funciona a escola. Todas as manhãs vê-se a criançada descalça subindo o pequeno atalho em direção à escola, que se encontra na margem esquerda do rio ("Suedarm" do Itajai), pouco antes da confluência. O professor Koberstein também faz, inoficialmente, os serviços pastorais. Oficia, inclusive, os enterros que também não faltaram, inelizmente, no ano passado. Seja dito de passagem que o cemitério se encontra bem próximo do Itajai do Oeste, também perto da dita confluência. Uma hora solene e festiva foi o primeiro culto em nossa nova e modesta escola, celebrado por Pastor Hobus, em meados do ano passado. Sinto que ele nos visite somente duas vezes por ano. A sala de aulas estava enfeitada com ramos de palmeiras e flores. O espaço não foi suficiente, tal o número de fiéis que afluiu ao culto. É confortador ver como a igreja reúne e assiste os colonos em meio à mata virgem. É bem verdade o que está escrito nas Sagradas Escrituras: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra saída da boca de Deus".

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 13 de julho de 1867:

Colônia Blumenau. — Na exposição Mundial de Paris foi conferido o prêmio de 10.000 francos à colônia Blumenau, pelo algodão exposto. No catálogo oficial da Exposição dos artigos expostos, foi mencionado somente o algodão “Luisiana”, sob a denominação de algodão em rama e algodão beneficiado, cultivado e exposto pelo colono Rischbieter, de Blumenau.

Notícia de 3 de agosto de 1867:

Colônia Blumenau — A notícia publicada no “Kolonie-Zeitung”, assim como em outros jornais do País, referente ao prêmio especial de 10.000 francos, que a nossa Colônia recebeu na Exposição de Paris, pelo algodão exposto, não corresponde exatamente à realidade, uma vez que o prêmio nada tem a ver com o algodão. Um prêmio especial para algodão foi conferido a todo o Império do Brasil. O motivo da concessão do prêmio a Blumenau, porém, foi outro. O regulamento do júri da exposição — Tit. 4, Art. 30, diz literalmente: “Institui-se uma classe especial de prêmios para pessoas ou fundações ou povoados, que, pela organização geral ou por meio de instituições adequadas, contribuam para o bom relacionamento entre todos e o bem-estar dos trabalhadores, tanto moral e intelectual, como fisicamente. Estas recompensas, compreendem dez prêmios, num total de 100.000 francos e vinte menções honrosas. “Trata-se aqui, portanto, de prêmios destinados às comunidades, cujas instituições asseguram o bem-estar dos que trabalham na mesma obra. Com base nesta disposição, as colônias do Brasil foram propostas ao júri incumbido da distribuição das recompensas da referida classe, sendo o júri composto de representantes das mais diversas nações. A América Central e do Sul estão representados pelo embaixador brasileiro Barão de Penedo. No entanto, o programa da Exposição exigia na proposta um lugar certo ou uma instituição determinada e, além disso, os esclarecimentos fornecidos pelo Ministro Rouher, sobre o programa, explica que é necessário provar que a instituição se encontra em franco e contínuo progresso e que o bem-estar dos trabalhadores, durante um certo período, foi comprovadamente satisfatório. Um folheto comemorativo, apresentado ao júri, descrevendo a colônia Blumenau desde a fundação, documentando o seu progresso, a situação atual com todos os pormenores, fez com que a colônia Blumenau, por assim dizer como representante de todas

as colônias do Brasil, recebesse o prêmio. É este o verdadeiro sentido da distinção outorgada à Colônia Blumenau — prêmio que não pertence apenas a nossa Colônia, mas constitui um reconhecimento honroso a toda a colonização do Brasil e contribuirá decisivamente para a eliminação, na Europa, de certas prevenções contra a colonização brasileira.

A coleção completa do “Kolonie-Zeitung” faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville

“Histórico sobre o abastecimento de água de Lages e Blumenau

Reinoldo Althoff

(Continuação)

Em Blumenau repetia-se o fenômeno: Os poços eram cavados em terras porosas de aluvião. A água era extraída por sistemas rudimentares, com vasilhas expostas à poeira. Para facilitar, os poços, geralmente, eram situados junto às instalações sanitárias. A higiene acompanhava automaticamente a contaminação. Os sediados mais próximos ao rio, davam-se ao conforto de bombear as águas do rio Itajaí-Açu e possuíam rede de água domiciliar. Não cogitavam entretanto, que estavam absorvendo do esgoto de todas as populações ribeirinhas num curso de rio de 240 kms. de extensão. Os hospitais de Blumenau possuíam mais de 60 leitos isolados para tratamento do tifo, que viviam repletos. Anualmente, preciosas vidas eram ceifadas no centro da cidade, comprovadas pela estatística de “causa mortis” dos hospitais.

Foi quando S. Excia. o sr. Interventor do Estado, dr. Nereu Ramos de Oliveira, instituiu os Centros de Saúde, para prodigalizar em escala crescente, a Assistência Social Sanitária. Médicos foram recrutados. A expensas do Estado, foram mandados a São Paulo, para frequentarem cursos especializados de medicina sanitária. De volta, foram destacados para dirigirem os Centros de Saúde. Os benefícios em outros setores, tão logo se fizeram notar. O tratamento específico do tifo, porém, foi quase sem êxito. Quanto mais incidência, mais focos; a contaminação era geral.

Daí, estimulado pelos médicos sanitaristas, o chefe do Executivo catarinense propôs-se a cortar o mal pela raiz. Em Lages foram de pronto atacados os serviços da construção do Abastecimento de Água Tratada, em 1940. Em 1940, o então Prefeito de Blumenau, sr. José Ferreira da Silva, entabulou negociações com a Caixa Econômica para um empréstimo de Cr\$ 3.500.000,00, contando com uma renda orçamentária anual de somente Cr\$ 3.000.000,00 pela Prefeitura Muni-

pal. Por motivo alheio à sua vontade, não pôde concluir a obra gigantesca. Endossado pelo sr. Interventor Federal, o seu sucessor, o ilustre blumenauense dr. Afonso Rabe, terminou os serviços de abastecimento de água em 1941. O então Departamento das Municipalidades contratou técnicos especializados paulistas que projetaram a Estação de Tratamento, a de Recalque e a Rede Geral. Os serviços de construção foram executados pelo engenheiro Isaías de Mello. Em novembro de 1943, o sr. dr. Heitor Blumm, em modesta inauguração, entregava ao povo de Blumenau esta obra gigantesca, que representava, já pouco tempo depois, um patrimônio de nada menos de Cr\$ 50.000.000,00.

Aqui permanece até hoje a rede de água de Blumenau, entregando, sem interrupção, saúde aos blumenauenses. Desapareceu o espectro do tifo na nossa cidade. Os nossos facultativos já se esqueceram de diagnosticá-lo. Quando surge esporadicamente algum caso, não há dificuldade de localizar a razão e de pronto eliminá-lo.

A água de Blumenau é tratada pelo processo internacional. Com dosagens estabelecidas, de acordo com o seu estado "in natura" de hidróxido de alumínio e de cálcio, extirpa-se da água a matéria orgânica. De mês a mês, retira-se dos tanques de sedimentação dezenas de toneladas de matéria orgânica, representada por lama putrefacta em decomposição e em suspensão. Depois de retirada a matéria orgânica, recebe a água mais uma dosagem de hidróxido de cálcio para elevá-la ao estado de alcalinidade. Finalmente acrescenta-se à água a última dosagem de hipoclorito de cálcio (cloro) que elimina completamente a ação do germen do tifo, do colibacilo e demais germes patogênicos.

A Estação de Tratamento serve a 4.000 residências e pequenas indústrias. Nos 15 anos de existência ainda não houve solução de continuidade. Nas épocas de aguda estiagem e mesmo com relativa restrição na energia elétrica, o blumenauense sempre teve fartura de água potável.

Blumenau, entretanto, desenvolveu-se além da expectativa. Planos arrojados de prédios de dezenas de andares já estão em evidência. As zonas mais distantes do perímetro urbano estão se enfeitando. A indústria do loteamento cria vulto. As montanhas que circundam a cidade se engalanam com novas residências modernas.

Dos 6.000.000 de litros de que dispomos para abastecer a cidade, 4 milhões são consumidos diariamente. O consumo se agrava dia por dia.

Nas pontas mais distantes e em horas de intensidade de consumo, às vezes a água já é pouca. A natureza foi pródiga. Justamente nestes locais existem substanciosos mananciais. Por sugestão da Direção da Estação de Tratamento, o poder Executivo entrou em estudos para a construção, nestes locais, de novas estações de tratamento.

Estas estações em número de 4 serão localizadas na Itoupava Seca, Velha, Garcia e rua Itajaí. Formarão novas redes à volta de si próprias.

Abastecerão integralmente todo o perímetro urbano. Terão ca-

ráter "standardizado" com bombas, dosadores e demais máquinas de procedência local. Qualquer desarranjo será de pronto reparado. Estação todas interligadas à estação central. Havendo qualquer falha na central, as subestações abastecerão a parte central da cidade e vice-versa. O volume total diário de todas as estações, ficará em 18.000.000 de litros de água por dia de 24 horas. Teremos assim atingido o ideal do abastecimento d'água para Blumenau, que, mesmo nas condições atuais, prima como dos melhores do Brasil.

O sonho das quatro estações de tratamento que nequela época orçavam entre 80 a 100 milhões equivalente a 80 a 100 mil cruzeiros hoje, não pôde ser realizado. A imbecilidade de um Jânio Quadros deitou por terra este projeto que hoje estaria abastecendo Blumenau com uma rede ampliada em cobre, alcançando além da periferia da cidade, com uma canalização de dimensões limitadas, facilitando por todos os modos o seu manuseio e de um custo relativamente baixo. O sr. Jânio Quadros, em sua passagem por Blumenau, em campanha eleitoral, e pertencendo ao mesmo partido político do Executivo municipal, da época, conseguiu, com uma oferta de 150 milhões de cruzeiros, demover as autoridades do plano acima. Entregaram a engenheiros locais o projeto da captação por gravidade até a E.T.A., com uma canalização de 800 m/m de diâmetro, portanto portadora de um volume para abastecer Blumenau até o ano 2.000.

Com a queda de Jânio Quadros, a Prefeitura ficou vendo navios e teve que se virar para conseguir um meio de financiamento por outro setor.

As marchas e contramarchas para tal foram marcando passo, enquanto a necessidade de mais água crescia, como crescia a população competindo com o progresso da cidade.

Os prefeitos Hercílio Deeke e Frederico Guilherme Busch Jr. se sucediam sem muito se dedicarem ao problema do abastecimento de água.

Uma das razões, era que não elevavam por causas políticas a taxa d'água enquanto o custo se acentuava cada vez mais pelo volume crescente manuseado e consumido.

Toda a renda tinha que ser logo aplicada nas imensas despesas que ocorriam no tratamento d'água. Pouco sobrava para despertar ao menos o interesse de um fundo de reserva para serviços futuros.

O abastecimento de água é uma espécie de indústria, onde a renda é responsável pela manutenção e formação de um fundo sólido para renovação e expansão. A displicência referente ao abastecimento d'água era tão grande que as menções em relatórios de fim de ano eram muito lacônicas e insatisfatórias. Basta dizer que pela festa magna do Centenário de Blumenau, em setembro de 1950, no livro "Centenário de Blumenau", publicado para relatar tudo de bom ocorrido na Colônia de Blumenau em 100 anos, não se registrou nem se fez a mais leve menção de que Blumenau possuía, desde 1942, água canalizada e tratada pelos processos mais modernos, apesar do grau de

investimento, que alcançava, naquela época, a renda orçamentária de dois anos da Prefeitura.

Muitas vezes o autor destas anotações dirigiu-se através de relatórios à Prefeitura, solicitando a elevação da taxa, para que com mais folga financeira pudessem ser adquiridos os materiais de manutenção da Estação de Tratamento de Água. As respostas verbais alegavam que o povo estava saturado de impostos e que a elevação da taxa refletiria negativamente. Assim é que os serviços corriam com aspecto de pobreza.

Os funcionários da E.T.A. trabalhavam com espírito de heroísmo em caráter diurno e noturno, domingos e feriados, sem que jamais lhe fossem creditadas horas extras de serviço. A falta de viaturas era arrasante, diluindo-se em verdadeira pobreza.

CAPÍTULO VII

Novo abastecimento

As instalações previstas para 15 anos, exigiam com os lucros acumulados a expansão. No entanto, íamos para além de 20 anos e tudo permanecia estático e sem meios financeiros para enfrentar o problema.

Foi preciso que aparecesse à testa da Prefeitura um homem como Carlos Curt Zadrozny, industrial com vasto tirocinio, com visão incontestável. Vendo-se cercado de um colapso eminente, arregaçou as mangas e começou a encarar o problema de frente. Nesta época, ou mais precisamente no dia 30 de maio de 1966, assim se expressava o "Boletim Oficial" (órgão por ele criado): "ÁGUA TEM SOLUÇÃO DEFINIDA" — Um dos mais importantes problemas que vem merecendo a atenção da administração municipal é o que se refere ao abastecimento de água, visto que o aumento de consumo por parte da população e o sistema precário de distribuição, não mais permitem adiar uma providência que determine uma solução definitiva para o problema. À medida que o tempo vai passando, mais difícil vão se tornando as condições que permitam a implantação de um serviço que atenda às necessidades do município. Não só como decorrência do crescimento da própria cidade, como também, pela majoração do custo da obra. Felizmente o assunto já se encontra devidamente equacionado, sendo apontado um caminho definido por parte dos engenheiros do D.N.O.S., técnicos do Fundo Nacional de Financiamento e da Aliança para o Progresso, que aqui estiveram reunidos nos dias 11 e 12 passados.

"O próprio engenheiro Osmar Sabagg, teve oportunidade de esclarecer que o montante da obra está avaliado em cerca de 2,8 bilhões de cruzeiros e que o Blumenau já está em condições de receber um empréstimo do Fundo Nacional de Financiamento de USAID, para levar à frente aquele empreendimento. As condições do financiamento estabelecem que a Prefeitura de Blumenau deverá participar

com 1/3 do total, importância que terá de ser depositada previamente, de conformidade com as possibilidades econômicas do município.

“Uma vez apresentados os resultados dos estudos de “viabilidade econômica”, efetuados por engenheiros do Serviço Integrado de Engenharia Sanitária do Estado de Santa Catarina, em colaboração com o FSESP, o Prefeito Municipal poderá assinar o acordo com o referido Fundo, desde que seja aprovado pela Câmara Municipal a criação de uma Autarquia para uma administração técnica da obra, e o sr. Prefeito autorizado a negociar o empréstimo correspondente. Essa Autarquia que dará origem ao Departamento Municipal de Esgotos e Abastecimentos de Água, terá a sua administração à cargo de um engenheiro-chefe, ficando o órgão subordinado a um Conselho Municipal, composto de membros escolhidos entre as Associações de Classe e o próprio Prefeito Municipal .

“Acentuou o engenheiro Dr. José Bessa, chefe do Distrito do D.N.O.S. de Santa Catarina, que ficará a seu encargo a construção da Estação de Tratamento, cujo valor correspondente será incorporado com 1/3 da participação que cabe à Prefeitura.

(continua no próximo número)

A Escola Paroquial

Elly Herkenhoff

O ano de 1909 foi de suma importância para o desenvolvimento de um dos maiores e mais tradicionais estabelecimentos de ensino de Joinville e atual Colégio dos Santos Anjos, fundado a 1.º de agosto de 1907, sob o nome de “Escola Paroquial”.

Foi idealizador e fundador do colégio o então vigário da Cidade, o eminente educador Padre José Sundrup, que veio para Joinville em setembro de 1905, designado coadjutor do nosso primeiro vigário, Padre Carlos Boegershausen, então já cansado, após 48 anos de paróquia e 44 de magistério, na antiga colônia Dona Francisca. E quando, em 1906, a tradicionalíssima Escola Pública, fundada pelo Padre Boegershausen, passou a ser administrada pela própria Municipalidade, sob o nome de “Colégio Municipal” — mais tarde “Grupo Escolar Conselheiro Mafra” — o vigário Sundrup decidiu fundar nova escola, instalando as várias classes em salas alugadas na vizinhança, por falta de prédio adequado. Desde o início tencionava ele entregar a direção do estabelecimento à irmãs da Divina Providência, mas até a chegada das primeiras religiosas da Alemanha — há exatamente 70 anos — ele próprio foi diretor e professor da escola, em colaboração com o professor Klemes Schmidt, que mais tarde iria lecionar francês e ale-

mão na Escola Complementar, anexa ao Grupo Escolár “Conselheiro Mafra”.

D. Pio de Freitas, primeiro bispo de Joinville, discorrendo sobre o nosso desenvolvimento religioso católico no “Álbum do Centenário de Joinville” à página 151 diz o seguinte:

“Padre Sundrup, como era natural, se interessou pela educação das crianças e fundou para isso em agosto de 1907, a Escola Paroquial. Esta escola, no seu primeiro ano, funcionou com 32 alunos, no segundo com 85 alunos. No ano de 1909 vieram as Irmãs da Divina Providência, para tomar conta da escola, e a matrícula subiu para 243 alunos...”

Com efeito, a chegada das Irmãs teve significado enorme para a vida escolar de Joinville — embora não trouxesse, naqueles tempos difíceis, resultados financeiros compensadores.

Sob o título “Reminiscências”, a senhora Helena Theiss Rauch publicou, em 1969, um interessante artigo na imprensa local, recordando fatos hoje quase esquecidos.

“Quando as Irmãs da Divina Providência chegaram em Joinville”, diz a autora, “fui uma das primeiras alunas dessas estimadas Irmãs.

Lembro-me que a primeira escola ficava pertinho da escola antiga, do Padre Boegershausen, que depois passou para o Governo e hoje é da Prefeitura Municipal. A primeira escola das Irmãs ficava numa pequena casa que existia até há poucos anos no local que dá acesso ao pátio de festas da Catedral. O primeiro Diretor dessa escola foi o Padre José Sundrup. A primeira Superiora chamava-se Irmã Fidélis. Entre as primeiras, lembro-me da Irmã Evangelista, de Irmã Leonilda. Irmã Lintrudes era a cozinheira e as outras eram todas professoras formadas na Alemanha, mas tiveram que prestar primeiro exame no Brasil.

No início elas tiveram dificuldades. Para poderem sobreviver, tiveram que fazer muita economia e eu acho que muitas vezes elas passaram por penúria. Sei que meus pais as ajudaram bastante em suas necessidades, pois era na casa de negócio de meu pai que elas faziam suprimento...

O ensino era em alemão, mas duas vezes por semana a Irmã Renilda dava para nós duas horas em português. Quando ela entrava na classe, a primeira coisa que ela dizia, era esta: “Agora só se fala em português”. Logo mais a Irmã Evangelista também já lecionava em português, e assim pudemos aprender duas línguas...”

Mas — não eram apenas as irmãs que passavam dificuldades, segundo reza a tradição evocada e confirmada por outra ex-aluna da Escola Paroquial:

“Parece que ainda estou vendo diante de mim a figura do Padre — alto, magro, os olhos fundos, rosto de quem nunca se alimenta suficientemente, a batina surrada, remendada, larga demais para a magreza do corpo — o Padre dos passos firmes nos calçados recondi-

cionados, o Padre dos gestos decididos e das mãos generosas que nunca, nunca deixaram de ajudar a quem quer que implorasse a sua ajuda..." —

Pois a 5 de julho de 1914 — sete anos após a fundação — o Padre do "rosto de quem nunca se alimenta suficientemente" e as irmãs que passaram por penúrias, inauguravam, jubilosamente, o moderno e amplo prédio da Escola Paroquial parte integrante do complexo que hoje abriga o Colégio dos Santos Anjos.

Havia nos terrenos então pertencentes à comunidade católica, na travessa, São José, ao lado da atual Avenida Juscelino Kubitschek, extenso morro, parcialmente ocupado pelo Cemitério Católico fazendo frente para a atual Rua Ministro Calógeras. Mandou o Padre Sundrup desaterrar boa área, nas proximidades da tradicional igreja então ali existente, para a construção da "Escola das Irmãs", conforme geralmente era chamada.

D. Pio de Freitas, em seu já citado trabalho assim se expressa, a respeito das custas da construção:

"Para esta escola construiu a primeira parte do prédio que hoje existe. Sua construção foi começada nos principios do ano de 1914 e o prédio era inaugurado a 5 de julho do mesmo ano. A obra custou . . . 27:5000\$000 Réis, dos quais o Sr. Oscar Schneider adiantou 25:000\$000 a juros de 5% ao ano, resgatáveis à razão de 1.500\$000 por ano..."

E o "Kolonie-Zeitung (Jornal da Colônia) de 7 de julho daquele ano, fazendo um relato das festividades de inauguração, diz o seguinte:

"O imponente edifício, com as suas duas torres esguias, ladeando o portal, as suas linhas arquitetônicas firmes e serenas, oferece um aspecto majestoso, no local elevado, nos fundos da igreja católica e a sua belíssima situação, oferecendo a vista livre sobre a Cidade e as montanhas, é bem adequado para causar profunda e benfazeja impressão no espírito dos alunos. Nos dois andares, cada um contendo quatro salas, há espaço para oito classes.

A solenidade da inauguração, realizada com a participação das autoridades e grande número de amigos da escola — sem distinção de credo — oferecia, além de vários discursos, declamações de poesias por parte de alunos e números de danças executadas por meninas, as quais foram entusiasticamente aplaudidas, devido a correção e graciosidade da apresentação — tanto é que o espetáculo, segundo fomos informados, será reprisado em breve, no Salão Walther. A construção de edifício removeu um grande inconveniente, que vinha dificultando o funcionamento da escola. Todas as classes, que até aqui estavam distribuídas em salas alugadas, agora se acham instaladas num só prédio, com salas bem mais confortáveis e adequadas. Uma quermesse e outras diversões, igualmente realizadas no dia da inauguração, renderam o belíssimo lucro líquido de 1.500\$000 Réis. A escola, que pode, de direito, ser considerada sucessora da Escola Pública do Padre Boegershausen, tem freqüência, pois conta atualmente 300 alunos.

Neste ensejo não podemos deixar de homenagear aqueles que são os responsáveis diretos pela realização da obra. Em primeiro lugar, merece destaque o Padre José Sundrup, sucessor do vigário Padre Boegershausen, e que retomou a obra de seu antecessor. O sr. dr. Oscar Pereira de Souza e sobretudo o sr. Oscar A. Schneider, que adiantou o capital necessário à construção...” —

Mas — algumas semanas mais tarde, a 1º. de agosto de 1914, estourou a Primeira Grande Guerra Mundial, trazendo conseqüências dolorosas também para Joinville, a partir de outubro de 1917, quando o Brasil se viu envolvido no conflito e declarou guerra ao “Reich” Alemão.

Proibido o uso da língua alemã nas igrejas e nas escolas, o vigário Sundrup, embora falasse, ele próprio, o português, viu-se em situação das mais melindrosas, impedido de pregar a palavra de Deus a boa parte de seus fiéis, católicos imigrantes ou filhos de imigrantes oriundos, não só dos países de língua alemã — Alemanha, Áustria, Suíça — mas também de países do Norte e do Leste europeu, católicos conhecedores do alemão, mas ainda sem condições de entender uma prédica em português. Hostilizado por algumas autoridades de Joinville, devido à sua relutância em cumprir a lei proibitiva, dura para grande parte da comunidade joinvilense, preferiu Padre Sundrup deixar a Cidade, para não agravar ainda mais a situação.

A Escola Paroquial, por ele fundada com tamanho espírito de sacrifício dez anos antes, abriu o ano letivo de 1918, apresentando o seu programa inteiramente adaptado às novas leis, de outubro e novembro de 1917, relativas ao funcionamento das escolas no País.

Durante o correr dos anos, passou por várias transformações. Recebeu a denominação de “Colégio dos Santos Anjos”, em 1942 quando as Irmãs da Divina Providência foram substituídas pelas Irmãs Vicentinas, recebeu o nome de “Escola Normal São Vicente de Paulo”. Em 1958, porém, as Irmãs da Divina Providência reassumiram a direção do estabelecimento, que voltou então a chamar-se “Colégio Normal dos Santos Anjos”.

Em 1934, quando era vigário em Resende (RJ), Padre Sundrup, foi agraciado pelo Papa Pio XI com o título de MONSENHOR, e o “Kolonie-Zeitung”, dando a notícia aos seus leitores, assim se expressava, em sua edição de 8 de janeiro de 1935:

“Agraciação do Padre Sundrup. — Conforme notícias de jornais, o Rev. Padre Sundrup, que por longo tempo foi vigário de Joinville e há vários anos atua na paróquia de Resende (RJ), foi agraciado com o título de Monsenhor. Para muitos de nossos leitores esta notícia é motivo de satisfação, pois Monsenhor Sundrup angariou respeito e carinho, durante o seu paroquiato nesta Cidade, devido à sua generosidade e abnegação. Entre muitas outras obras, deve-se à sua iniciativa e ao seu espírito de sacrifício, a construção da Escola das Irmãs desta Cidade”.

MAIS UMA ETAPA VENCIDA

Apesar das inúmeras dificuldades que se nos apresentam constantemente na tarefa rotineira de conciliar todos os setores da Fundação "Casa Dr. Blumenau" dentro de um ritmo de trabalho e de produção evolutiva, conseguimos chegar ao final deste ano com o Tomo XX perfeitamente em dia com os nossos leitores e assinantes.

Foi mais um ano de luta contra os inúmeros obstáculos que se interpuzeram em nosso caminho. Mas, o triunfo sem luta, sem os rigores das adversidades, pouco valor tem. Por isso, ao editarmos os números acoplados — 11 e 12 de "Blumenau em Cadernos", estamos encerrando o Tomo XX.

Encerrando o Tomo XX, esperamos que tenhamos cumprido, pelo menos dentro de um panorama modesto, com a tarefa que de nós é esperada pelos nossos leitores, restando-nos, por isso, a satisfação de que envidamos os melhores esforços para alcançar tal objetivo.

Não teríamos conseguido vencer, se não tivéssemos contado com excelentes auxiliares, os quais, cada um no seu setor, deram o melhor de seus esforços para ajudar na nobre tarefa de levar regularmente às mãos dos nossos quase 800 assinantes, a nossa revista.

Por outro lado, aproveitando este meio de comunicação, cumprimos o grato dever de enaltecer com entusiasmo, o apoio e incentivo que esta direção sempre recebeu não só dos leitores de "Blumenau em Cadernos", como especialmente dos membros do Conselho Curador da Fundação Casa Dr. Blumenau", os quais, em momento algum, deixaram de estar presentes ao nosso lado quando deles necessitávamos. Neste particular, cabe um destaque especial ao presidente João Carlos Hoendorf, pela forma com que tem atuado em busca de amplos melhoramentos para o nosso Arquivo Histórico e outras dependências da instituição .

Aos nossos prestimosos colaboradores, com cuja cooperação conseguimos enriquecer sobremaneira as páginas de nossa revista, os nossos agradecimentos.

Finalmente, usamos este meio, ainda, para enviar a todos os que de uma ou de outra forma, deram-nos a alegria de uma visita ou de uma colaboração nos diversos setores da administração da Fundação, a nossa mensagem de agradecimento, esperando continuarmos mercedores desse mesmo apoio e incentivo enquanto estivermos à frente dos destinos desta Casa de Cultura.

Rogamos ao Criador dos Mundos para que Ele ilumine e guarde a todos os queridos amigos da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e de "Blumenau em Cadernos", permitindo-lhes que tenham um Feliz Natal e um ano de 1980 repleto de venturas e, acima de tudo, muita saúde, da mesma forma e no mesmo grau de intensidade que desejamos para a nossa própria família.

Obrigado a todos.

A Direção.

A opinião dos que nos visitam

— Estivemos aqui em 1979 e apreciamos muito o acervo do Museu. Blumenau está de parabéns por cuidar de suas tradições e sua história. — Maria Cristina e Sílvio Marcus Pomanti — São Paulo.

— Simplesmente fantástico. Qualidades inexplicáveis. Excelente decoração. Ficamos deslumbrados. — Jorge Carlos Tavares — Salvador — Bahia.

— Achei este Museu maravilhoso! Adriane Thill — Porto Alegre.

— A cada volta ao passado, sentimos o valor do presente. Auro, Vera e Simone Donicht. — Restinga Sêca —.

— Maravilhoso! Continuem a manter este Museu, pois só assim poderemos apreciar as suas antiguidades. — Gisele R. P. Coraiola.

— Ficamos encantados com a visita a este Museu. Dirce de M. Leite e família.

— É ótimo saber que há brasileiros preservando as nossas heranças culturais. José Ourivaldo Johaneson Ramos Jr. e Jesma Layli Malkin — Bauru — SP.

— Gostei de saber que em Blumenau existe um Museu que preserva heranças culturais e naturais simultaneamente — Ana Maria Moreira — Porto Alegre.

— A família Vodopives achou o Museu muito interessante e podemos afirmar que aumentamos o nosso conhecimento a respeito da história de Blumenau, assim como do Brasil. — Denise — Niterói RJ.

— A cultura brasileira está de parabéns — Hildite Vodopives, Niterói.

— Achei o maior barato e curti muito. Não sabia que uma cidade tão pequena tivesse um Museu tão bem organizado. — Fátima Regina P. Souza — São Paulo — Capital.

— Gostei do Museu em geral, particularmente dos animais e das árvores. — Lisete Maria Zola — São Paulo — Capital.

— Família Effgen verificou que ainda existe quem preserve as coisas antigas. — Porto Alegre — RS.

— Parabéns pelo patrimônio histórico e pela beleza antiga herdada dos nossos antepassados. — M. Baracat — Bauru — São Paulo.

— Sensacional! Todas as cidades deveriam seguir o exemplo de Blumenau. Pobre de um povo que não reconhece e eleva sua cultura e origem. Luciano Araújo — Curitiba — PR.

— Somente um povo culto como o de Blumenau é que possui a faculdade de preservar as heranças de seus antepassados! — Eva Salette Cazella de Oliveira — Palmas — Paraná.

— Maravilhoso! Adoramos o amor pelos animais, principalmente pelos gatos. — Margaret Hanson Costa — Rio Grande do Sul

— Realmente é uma das fontes de informação mais expressiva de nossa colonização. — Parabéns, Blumenau! Nery Pereira — Rio de Janeiro

— A floresta tropical do Parque Botânico "Edith Gaertner", é uma das coisas mais autênticas que já vi. Deve ser preservada a qualquer custo. — C.D. Dionisius — São Paulo.

— Este Museu dá bem o retrato de Blumenau colonial do século passado. Parabéns. — P. Koetzler — Itajubá — Minas Gerais.

— Gostei muito deste Museu. — Karina Koetzler — Itajubá — Minas Gerais.

— Adorei este museu. Achei muitas coisas interessantes. — Rommy Koetzler — Itajubá — MG.

— Pretendo seguir a profissão no magistério e creio que este Museu será muito útil para mim, Karin Ruschel dos Santos - P. Alegre.

— Interessante a idéia que se tem da época colonial do século passado. H. Santos — Porto Alegre.

— O Museu é um marco sincero e real da nossa história, tenha ela influências estrangeiras ou não. É o museu que dá continuidade à preservação de nossa cultura. A cultura brasileira! Marnete Jorgeane da Silva. — São Paulo.

— A maravilhosa cidade de Blumenau, que é uma expressão viva da integração do europeu em nosso país, merece a admiração de todos pela sua organização e pelo seu progresso. É realmente uma terra encantadora. Merece possuir um Museu tão rico e que evoca os

tempos do início e do crescimento da cidade. Parabéns. — José Tadeu Salika. — Araucária — PR.

— Blumenau é uma demonstração daquilo que o povo brasileiro, com auxílio dos estrangeiros que para cá vieram, pode fazer em termos de desenvolvimento. Adoramos esta cidade magnífica que conjuga tão bem o espírito brasileiro de trabalho, desempenhado com amor e carinho, com os traços dos imigrantes que aqui igualmente trouxeram o seu esforço e o seu labor. — Maria Claudete Holtz Salika — Araucária — PR.

— É muito bonito este museu. Gostei de visitá-lo — Joana D, Arc Salika. — Araucária — Paraná.

— Este Museu é uma relíquia escondida nesta beleza de cidade que é Blumenau. — Norberto e Gilda Tomieto — Caxias do Sul — RS.

— Realmente, este Museu é uma maravilha. Parabéns para quem o instalou. — Luciana Tonietto — Caxias do Sul. — RS.

— Gostamos muito do parque florestal e do legado de Edite Gaertner. Família Camilo Joaquim de Abreu. — Florianópolis.

— Esta é uma obra que deve ser preservada com o carinho que só as melhores culturas podem conseguir. — Tereza Wsatuka — S.P.

— Toda a nostalgia de uma família de imigrantes e diante das mulheres lindas e homens corajosos, fizeram esta Blumenau maravilhosa, retratadas neste Museu. Parabéns. Hebe Rovere de Azevedo. — Rio de Janeiro.

— Minhas homenagens aos conservadores deste notável Museu. — G. Novasky. — São Paulo.

— Tanto o Museu como o Jardim Botânico estão bem conservados e mostram a cultura e tradições de um povo. — Beto Eviloe — São Paulo.

— Nasci aqui, fui criada aqui e só agora que estou morando em outra cidade, depois de casada, é que em viagem turística vim saber que dentro desta casa escondida existe tanta beleza e conservação por parte do nosso povo. Parabéns aos conservadores do Museu. — Margarete e Robinson — Joinville.

— En nuestra luna de miel, hemos recorrido toda esta belleza, por el litoral atlântico de Brasil, entre todo, esta, muy hermosa Blume-

nau. — Cristina Peralta e Heriberto Valtorta (Tin) — Argentina — Santa Fé.

— Encontramos um Museu bem organizado e conservado, com peças que têm grande valor histórico. Parabéns aos organizadores. Michaela Roland — Catanduva — SP.

— Nesta tarde, por alguns momentos, retrocedi no tempo e viajei de volta à uma época que me parece por demais interessante. Gostei imensamente. Lea Silva — Itajaí — SC.

— Achei tudo muito maravilhoso. Cada vez que retornar a Blumenau, farei tudo para vir até aqui neste Museu. — Laura Westebach. P.A.

— Voltando a Blumenau depois de 35 anos, fiquei surpreso de ver o orgulho que todo blumenauense sente pela sua cidade e suas tradições. Eu nasci e me criei aqui, no entanto, não posso deixar de admirar a cidade. — Maria F. Schmidt, uma dos muitos bisnetos do Dr. Fritz Müller Tornarei a voltar o mais breve possível.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

PALCO, de Odir Nascimento — Edição do Autor, 1979

Um livro pequeno. No conteúdo, uma grande mensagem. Assim é "Palco", do jornalista, poeta e contista Odir Nascimento, que vem prefaciado por Carlos Alberto Feldmann e ilustrado por Albertina Prates. A poetisa Eulália Maria Radke também está presente, na apresentação.

O autor tem especial fascínio pelas coisas da ribalta. E nada melhor, para uma análise fria deste imenso palco que é a vida, do que usar o ambiente que o próprio palco proporciona. A narração se faz em forma de prosa; mas não lhe falta, também, a delicadeza de um verso. Cada linha mostra a sensibilidade de Odir; sua visão das coisas do mundo; o lirismo do absurdo; o trivial do cotidiano. Leitura que se faz de um fôlego e que retempera o espírito.

JORNAL "A PONTE" À VENDA EM BLUMENAU

A notícia é auspiciosa para aqueles que ainda não tiveram ensejo de ler o jornal semanal "A Ponte", da Editora Lunardelli. É que o referido jornal já está à venda em bancas de Blumenau, com distribuição a cargo das Bancas Zimmermann.

DICO, O Sertanejo Herói, na opinião de Pedro A. Grisa

Através do prezado amigo e aplaudido escritor Enéas Athanázio, chegamos às mãos o jornal "Correio do Norte", de Canoinhas, edição de 24.11.79, no qual, em uma de suas páginas, encontramos, não sem profunda emoção e alegria, o seguinte comentário analisando "DICO":

"DICO E JOSÉ — Pedro A. Grisa — Dico vinha do interior da região de Blumenau, do sertão do Ilse, em companhia de Zeca (que não é o José do título) para servir à Pátria no Quartel Militar de Joinville. Em Joinville iriam se encontrar com o José (que é o do título) e, então, brilharia uma centelha que viria a se fazer chama e fogo (sem queimar papel e sim fazendo nascer um livro).

Aí está, sobre a mesa "DICO — O SERTANEJO HERÓI" da autoria de JOSÉ GONÇALVES, com o sinete da Editora LUNARDELLI.

Mais um livro?

Sim, mais uma lição, mais um encontro, mais um hino, mais uma cantiga de amor, mais uma batalha, mais um mundo de encanto e heroísmo; mais uma vida de amor, coragem, ternura e força, de sangue e esperança.

É um livro que não tem seu mérito no grande valor literário. Diria até que não tem pretensões literárias, nem o autor aspira ser semi-Érico/Amado. Seu valor está na forma saborosa, gostosa de nos apresentar um documento histórico romanceado.

Além do documento histórico a respeito de um soldado brasileiro que defendeu os interesses da Pátria, durante a II Grande Guerra, temos uma fiel descrição do sistema de vida, dos instrumentos de trabalho, dos costumes e tradições da população do Vale do Rio Itajaí, no início do século.

A leitura desse livro torna-se recomendável pelos seguintes motivos: 1) - Por ser um modelo de ensinamentos humanos, cívicos e de patriotismo, de virtudes de nobreza e rico de sabedoria humana e humanística.

2) Por ser um livro que nos faz conhecer importante fase de nossa história catarinense e brasileira.

3) — Um livro que faz bem à alma e aos mais nobres sentimentos, sem apagar o amor profundo e vivo entre homem e mulher.

4) — Um livro que se aproxima do VERDE VALE, de Urda A. Klueger, por nós já comentado, nos aspectos de ternura e sentimentos humanos vivos e "carnudos". Daí seu sabor de terra, de homem e de mulher, de flora e fauna, de uma gigantesca grandeza construída sobre o quase-nada e quase-tudo do correr dos dias de uma vida.

Leitura que irá fazer bem a todos, especialmente à nossa juventude, em cujo ser podemos plantar sementes de ideais.

Curitiba/Araucária outubro-1979".

CENTENÁRIO DO FALECIMENTO DO PASTOR OSWALDO HESSE

Dia 25 de novembro do corrente ano de 1979, transcorreu o centenário do falecimento do Pastor Oswaldo Hesse, figura que deixou assinalados serviços à comunidade blumenauense. Naquele dia, o túmulo do saudoso personagem, foi muito visitado por figuras representativas da Comunidade Evangélica de Blumenau, assim como recebeu a homenagem do município através da pessoa do Prefeito Renato de Mello Vianna, o qual depositou ali uma coroa de flores, pronunciando, na ocasião, palavras de exaltação à figura de Oswaldo Hesse.

ROMMEL ACEITA CONVITE DE VIANNA

Convite do prefeito Renato Vianna para Rommel visitar Blumenau, levado para ser entregue em mãos pelo arquiteto Henrique Herwig, em data de 16 de julho de 1979.

Tradução da carta resposta: (totalmente manuscrita)

7 Stuttgart, 3.8.1979.
Prefeitura

Sr. Dr. Renato Vianna
Prefeito de Blumenau

“Prezado senhor colega:

Pela sua amável carta, pelas lembranças de Blumenau e pelo honroso convite para uma visita à sua cidade — o meu muito obrigado.

Terei o máximo prazer em visitar a cidade de Blumenau. — Infelizmente isto não me será possível em 1979, nem durante a primeira metade de 1980. — Para este ano já tenho compromissos demais, e eu estou — como costumamos dizer em minha terra — totalmente “lançado”.

No próximo ano realizar-se-ão três eleições, a saber: eleições federais, estaduais e comunais. Durante a época eleitoral, terei de me apresentar como orador. — Embora até hoje não ficou provado que discursos influenciam as eleições, nós, como políticos e em nosso próprio interesse, temos de acreditar nisso.

Fiquei muito contente com o seu convite e quero fazer tudo, para o mais breve possível poder aceitá-lo.

Com os meus melhores votos e o pedido de recomendação à sua distinta esposa,

sou seu atento

Manfred Rommel
Prefeito de Stuttgart”

O prefeito de Stuttgart Manfredo Rommel, será convidado para os festejos do dia 2 de setembro de 1980, para comemorar a data máxima dos seus 130 anos de fundação.

Í N D I C E

Hotel Holetz — (Foto da capa)	1
O problema dos casamentos entre católicos e protestantes — Redação	2
Figuras do passado (Louis Sachtleben) — Frederico Kilian	6
Figuras do passado (Carl Wilhelm Boehm) — Frederico Kilian . .	7
Subsídios históricos — Coord e trad. de Rosa Herkenhoff	8
O teatro em Blumenau (III) — Edith Kormann	10
Sociedade de Atiradores Blumenau - Centro - Trad. de Franz Brack.	11
O Doutor Blumenau em confronto com as forças do além — Trad. de Alfredo Wilhelm	14
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	17
Museu abre inscrições do concurso fotográfico sobre meio ambiente — Redação	21
A “Freiwillige Feuerwehr zu Joinville” (I) — Elly Herkenhoff . .	22
RFF autoriza Vianna retirar viadutos e trilhos - Redação	24
A opinião dos que nos visitam - Redação	25
Estante catarinense - Carlos Braga Mueller	28
Aconteceu... Dezembro de 1978 - José Gonçalves	29
Nova rodoviária em Blumenau - Redação	32
Saúde escolar atendeu, em 1978, 6.500 alunos - Redação	32
Primeira igreja matriz de Blumenau - (Foto da capa)	33
Memorável sesquicentenário - Elmar Joenck	34
Subsídios à crônica de Blumenau - Frederico Kilian	36
Estatística das obras realizadas pela S.O.S.U. durante o ano de 1978 - Redação	42
A “Freiwillige Feuerwehr zu Joinville” (II) - Elly Herkenhoff . .	43
Aconteceu... Janeiro de 1979 — José Gonçalves	46
Figuras do passado (Monsenhor José Sundrup) (I) - Elly Herkenhoff	48
A vida social e recreativa em nossa Colônia - Trad. de Franz Brack.	51
Subsídios históricos - Coord e trad. de Rosa Herkenhoff	53
O teatro em Blumenau (IV) - Edith Kormann	54
Florestas vivas, humanidade sadia - Redação	55
Fritz Müller na memória da cidade - Lauro Eduardo Bacca	56
Novas instalações para a escolinha de artes e o coral Camerata Vocale - Redação	57
Estante catarinense - Carlos Braga Mueller	58
A opinião dos que nos visitam - Redação	59
Fritz Müller - (Foto da capa)	61
Rio do Sul, quando ainda foi um pequeno lugar na mata virgem (1892 - 1907) — P. Hermann Stoer	62
Subsídios à crônica de Blumenau - Frederico Kilian	64
Aconteceu... Fevereiro de 1979 - José Gonçalves	70
Figuras do passado (Monsenhor José Sundrup) (II) - Elly Herke- nhoff	72

Prefeito Renato de Mello Vianna examina documentos referentes a Blumenau, chegados dos arquivos históricos da Baixa Saxônia — (Foto)	220
O teatro em Blumenau (IX) — Edith Kormann	221
Sra. Rose Gaertner — (Foto)	221
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	222
A História de Blumenau revela: (Documentos) — Trad. de Alfredo Wilhelm	224
Prefeito de Blumenau almoça com Rommel — Alfredo Wilhelm.	227
Prefeito Renato de Mello Vianna em Stuttgart, com o prefeito Manfred Rommel — (Foto)	227
Aconteceu... Julho de 1979 — José Gonçalves	228
Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajahy-Blumenau — F. C. Allende Neto	232
O vapor "Blumenau" — (Foto)	233
A opinião dos que nos visitam — Redação	234
Senhoritas integrantes da Sociedade Ginástica de Blumenau em 1917 — (Foto da capa)	237
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	238
A História de Blumenau revela: (Documentos) — Trad. de Alfredo Wilhelm	244
Dr. Afonso Rabe e sua contribuição à história do Hospital Santo Antônio e à saúde pública de Blumenau — Redação	247
A tese do Dr. Gemballa — Enéas Athanázio	252
A "Harmonie-Gesellschaft" — Elly Herkenhoff	255
Histórico sobre o abastecimento de água de Lages e Blumenau — Reinoldo Althoff	258
Estante catarinense — Carlos Braga Mueller	261
Aconteceu... Agosto de 1979 — José Gonçalves	262
O teatro em Blumenau — (X) — Edith Kormann	266
Carimbo comemorativo alusivo aos XX Jogos Abertos de Santa Catarina — (Texto e foto)	268
A enchente de 1911 com o vapor "Blumenau" ancorado sobre a Praça Hercílio Luz — (Foto da capa)	269
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	270
São Pedro de Alcântara — um marco na História Catarinense Elly Herkenhoff	276
Os 60 anos do G. E. Feliciano Pires — Aluisius Carlos Lauth	280
Escolas reunidas de Brusque em 1918 — (Foto)	280
Entrega de documentos ao nosso arquivo histórico — José Gonçalves	281
Dia da Criança — (Poesia) — Nestor Seara Heusi	282
Faleceu a escritora Lausimar Laus — Redação	283
Dr. Afonso Rabe e sua contribuição à história do Hospital Santo Antônio e à saúde pública de Blumenau — Redação	284
Subsídios históricos — Coord e trad. de Rosa Herkenhoff	287
Aletas da Sociedade Ginástica de Blumenau — Redação	288

Atletas da Sociedade Ginástica de Blumenau em 1917 — (Foto)	288
Aconteceu... Setembro de 1979 — José Gonçalves ..	289
Novo livro — Celso Liberato	292
A História de Blumenau revela: (Documentos) - Trad. de Alfredo Wilhelm	294
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	296
Histórico sobre o abastecimento de água de Lages e Blumenau — Reinoldo Althoff	298
Vapor “Blumenau” atracando no cais do porto — (Foto da capa)	301
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	302
A História de Blumenau revela: (Documentos) — Trad. de Alfredo Wilhelm	307
Histórico da chegada da primeira leva da imigração trentina a Rio dos Cedros — P. Victor Vicenzi	310
Figuras do passado (Fritz Haufe) — José Gonçalves	313
Retalhos históricos — Nemésio Heusi	315
Dr. Afonso Rabe e sua contribuição à história do Hospital Santo Antônio e à saúde pública de Blumenau — Redação	317
Rio do Sul há 100 anos — A. Cardoso	320
Aconteceu... Outubro de 1979 — José Gonçalves	322
A nova colônia de Rio do Sul no ano de 1908 — P. Hermann Stoer	326
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	328
Histórico sobre o abastecimento de água de Lages e Blumenau — Reinoldo Althoff	329
A escola paroquial — Elly Herkenhoff ..	333
Mais uma etapa vencida — Redação	337
A opinião dos que nos visitam — Redação	338
Estante Catarinense ..	341
DICO, O Sertanejo Herói, na opinião de Pedro A. Grisa ..	342
Centenário do Falecimento do Pastor Oswaldo Hesse ..	342
Rommel Aceita Convite de Vianna ..	343
Índice ..	344

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

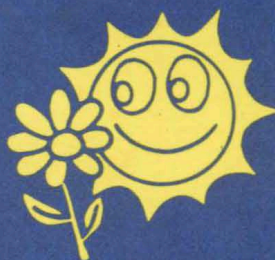
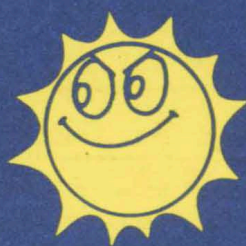
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.


Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas
Hering